



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO - LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

REGIVÂNIA MACEDO DOS SANTOS

**MEMÓRIAS E IMAGENS DE UM LUGAR:
HISTÓRIAS DE UM ENGENHO COMO PATRIMÔNIO E IDENTIDADE
DO POVOADO SANTA HELENA NO MUNICÍPIO DE NAZARÉ-TO**

Tocantinópolis-TO
2025

REGIVÂNIA MACEDO DOS SANTOS

**MEMÓRIAS E IMAGENS DE UM LUGAR:
HISTÓRIAS DE UM ENGENHO COMO PATRIMÔNIO E IDENTIDADE DO
POVOADO SANTA HELENA NO MUNICÍPIO DE NAZARÉ-TO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS) de Tocantinópolis, Curso de Pedagogia para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Professora Doutora Francisca Rodrigues Lopes

Tocantinópolis-TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237m SANTOS, Regivânia Macedo dos.
 MEMÓRIAS E IMAGENS DE UM LUGAR:: HISTÓRIAS DE UM
 ENGENHO COMO PATRIMÔNIO E IDENTIDADE DO POVOADO
 SANTA HELENA NO MUNICÍPIO DE NAZARÉ-TO. / Regivânia
 Macedo dos SANTOS. – Tocantinópolis, TO, 2025.
 76 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pedagogia, 2025.
Orientadora : Francisca Rodrigues LOPES

1. História. 2. Engenho. 3. Memória. 4. Patrimônio. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


REGIVÂNIA MACEDO DOS SANTOS

**MEMÓRIAS E IMAGENS DE UM LUGAR:
HISTÓRIAS DE UM ENGENHO COMO PATRIMÔNIO E IDENTIDADE DO
POVOADO SANTA HELENA NO MUNICÍPIO DE NAZARÉ-TO**


Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT,) Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS) de Tocantinópolis, Curso de Pedagogia para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Professora Doutora Francisca Rodrigues Lopes

Data de aprovação: _09_ / _Dezembro_ / _2025_


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCA RODRIGUES LOPES
Data: 22/12/2025 17:31:05-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Francisca Rodrigues Lopes. (Orientadora)
Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT
Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis (CEHS)

Documento assinado digitalmente
 JEFERSON MUNIZ ALVES GRACIOLI
Data: 22/12/2025 15:55:07-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Jeferson Muniz Gracioli (Avaliador)
Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT
Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis (CEHS)

Documento assinado digitalmente
 SILENE FERREIRA CLARO
Data: 22/12/2025 17:36:56-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Silene Pereira Claro (Avaliadora)
Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT
Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis (CEHS)

Dedicatória

Eu Dedico este trabalho primeiramente a Deus.

E depois, dedico:

- A mim mesma, por não desistir do meu sonho.
- Ao meu bisavô Raimundão (Raimundo José de Macedo) por ele ter criado o primeiro engenho do povoado Tucum, atual Santa Helena;
- A minha família pelo apoio e dedicação;
- A professora Francisca Lopes Rodrigues pela paciência, dedicação, amizade e companheirismo;
- As minhas amigas Iolanda Pereira Luz Silva, Millena Cabral Pereira dos Santos que ao longo de todos esses anos estávamos sempre juntas;
- E ao tio Antônio e meus primos.

Obrigada a todos que contribuíram na minha conquista.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a Deus por me proporcionar essa dádiva de ter concluído uma graduação e escrever o Trabalho de Conclusão de Curso, sobre um tema que sempre foi meu sonho; por cada desafio vencido e aprendizados adquiridos na mesma, dia após dia.

Agradeço a meu bisavô (Raimundão) Raimundo José de Macedo, por ter criado o primeiro engenho na época do Tucum, no qual trabalhou durante anos e, na sua ausência, o mesmo foi passado para seu filho Luiz José de Macedo que deu continuidade ao trabalho. Ele cuidou do engenho durante anos com carinho e amor, porém chegou um dia em que também seu filho, Luiz, ficou ausente e seu Neto, chamado Raimundo José de Macedo Neto, deu continuidade a esse trabalho até os dias de hoje. Foram três gerações sempre dedicou ao seu trabalho. Nascer e crescer convivendo com o engenho é uma dádiva, uma benção.

Agradeço o apoio da minha família que esteve sempre do meu lado, o que eu admiro muito e dedico todo esforço e resultado deste meu trabalho realizado aos meus grandes heróis e exemplo de vida: meu pai, Raimundo José Macedo Neto e minha mãe, Josefa Maria dos Santos Macedo; ao meu tio, Antônio e o meus primos, só gratidão por me acolherem com todo carinho em sua casa durante esses anos de graduação.

A minha orientadora, Dra. Professora Francisca Lopes Rodrigues que tive a honra de conhecê-la no terceiro período, no de 2021, na disciplina História da Infância, perguntei se queria ser minha orientadora e a resposta foi “sim”. Confesso que fiquei muito feliz e agradeço pela oportunidade que me deu de escrever sobre um tema que sempre foi meu sonho, o que me concedeu uma alegria imensa, sobretudo por sua dedicação, carinho e amizade que construímos ao longo desses anos. Me sinto lisonjeada por trabalharmos juntas com alguns projetos, os quais vieram agregar conhecimentos e valores ao contexto das memórias, sejam elas com objetos, imagens, áudios ou memória afetiva. Tudo isso só enriqueceu o meu conhecimento e me possibilitou desenvolver meu trabalho com mais tranquilidade.

A agradeço imensamente minhas amigas Iolanda Pereira Luz Silva e Millena Cabral Pereira dos Santos pela paciência, companheirismo e dedicação para comigo, uma vez que, durante esses anos de graduação, tivemos muitas dificuldades na vida acadêmica, mas concluímos esse ciclo superando cada obstáculos. Sou grata, pois, em meio a tudo isso, nasceu uma amizade muito bonita.

Aos professores, gratidão, por cada palavra de incentivo e dedicação do seu tempo, pois cada um tem seu jeitinho especial de ministrar suas aulas, mas todos com algo em comum: o compromisso, respeito com a escolha dos conteúdos, para serem abordados em suas aulas e ao ministrar as mesmas, para que o aluno pudesse absorver da melhor forma possível.

Meus agradecimentos a minha (UFNT) Universidade Federal do Norte do Tocantins, pelo acolhimento de todos os colaboradores, em especial os guardas, as pessoas dos serviços gerais, os quais tenho muita admiração, pois fizeram parte da minha educação, enquanto graduanda; ao chegar na Universidade são as primeiras pessoas para quem eu dou um “Bom dia”, e dedico alguns minutinhos de conversa, pois sempre me incentivam com palavras positivas para seguir na caminhada.

“Um povo que não guarda suas histórias, suas memórias, seu patrimônio, não sabe quem realmente é. Estas memórias estão guardadas em seu patrimônio cultural que deve ser preservado, restaurado, contado, cantado, de tal maneira que possa despertar nas pessoas seu real valor para a construção de sua História”.

(Stanger, 2013)

RESUMO

A história de um lugar permanece viva e se eterniza através de seus patrimônios e da memória individual e coletiva de seus habitantes que, ao se identificarem, constroem a identidade de um lugar. O objetivo deste trabalho é apresentar a história de um Engenho de moer cana pertencente a uma família do povoado de Santa Helena, no Município de Nazaré (TO), que já passou por três gerações e está em sua quarta versão, transformando-se, assim, em um patrimônio, símbolo de identificação daquela comunidade. A pesquisa sobre o engenho e sua importância como patrimônio cultural, se deu na forma de pesquisa qualitativa, através de narrativas orais. Os conceitos de patrimônio, memória, história e identidade foram revisados a partir dos estudos de teóricos como Le Goff (1990), Burke (1992), Nora (1993), Pollak (1993), Halbwachs (2006), dentre outros. Os resultados trouxeram a compreensão da importância daquele engenho como um monumento identitário de fazeres e saberes das pessoas e daquele lugar, assim como para a memória local.

Palavras-chave: História. Engenho. Memória. Patrimônio

ABSTRACT

The history of a place remains alive and is eternalized through its heritage and the individual and collective memory of its inhabitants who, by identifying themselves, build the identity of a place. The objective of this work is to present the history of a sugarcane mill belonging to a family from the village of Santa Helena, in the Municipality of Nazaré (TO), which has passed through three generations and is in its fourth version, thus becoming a heritage, a symbol of identification of that community. The research on the mill and its importance as a cultural heritage took place in the form of qualitative research, through oral narratives. The concepts of heritage, memory, history and identity were reviewed based on the studies of theorists such as Le Goff (1990), Burke (1992), Nora (1993), Pollak (1993), Halbwachs (2006), among others. The results brought understanding of the importance of that mill as an identity monument for the dogs and knowledge of the people and of that place, as well as for the local memory.

Keywords: History. Ingenuity. Memory. Patrimony

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Ruínas do Engenho de São Vicente dos Erasmos.....	30
Figura 02- Engenho movido pelos escravos	32
Figura 03 - Engenho movido por bois	32
Figura 04 - Engenho movido por uma roda d'água.....	33
Figura 05 - Corte da cana e a condução até o Engenho	36
Figura 06 - Bois de Canga trabalhando no Engenho de Raimundão	37
Figura 07 - Litro de Cachaça (Pinga) produzida no Engenho do Raimundão.....	38
Figura 08 - Alambique em cima da fornalha para ferver a garapa azeda.....	39
Figura 09 - Canga de boi e cambitos	40
Figura 10 - Tambor de plástico para fermentação do caldo da cana	41
Figura 11 - Utensílios: Gamela, Colheres, Cuia, Pá, Faca e Formas	42
Figura 12 - Produtos finalizados: Rapadura e Tijolo enrolados na palha	43
Figura 13 - Serpentina cheia de água e o pote de barro onde caia a pinga.....	46
Figura 14 - Posto de Saúde antigo e novo	52
Figura 15 - Igreja de Santo Antônio	53
Figura 16 - Escola Municipal Santo Antônio	54
Figura 17 - Campo de Futebol e Quadra poliesportiva	56
Figura 18 – Praça Maria de Fátima e Praça das Mangueiras	57
Figura 19 - Mercado Municipal	63
Figura 20 - Usina de beneficiar arroz e triturador de cereais	65
Figura 21 - Cana em pé e cana em processo	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CAPÍTULO I: A HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: Uma Reflexão Conceitual	16
2.1 - História e Memória: Compreendendo conceitos	16
2.2 - Memória coletiva: Narrativas, Lembranças e Esquecimentos.....	22
2.3 - Patrimônio Cultural e identidade.....	25
3. CAPÍTULO II: A HISTÓRIA DE UM ENGENHO COMO PATRIMÔNIO DE UM LUGAR	29
3.1- A invenção do Engenho de moer cana no Brasil	29
3.2 - O Engenho de Santa Helena: Um pouco de sua história.....	34
3.3 - Os utensílios e a fabricação de produtos no Engenho de Santa Helena	39
3.4 - Do engenho de Santa Helena ainda resta dizer.....	47
4. CAPÍTULO III: IMAGENS DA MEMÓRIA: Lembranças, Lugares e Narrativas.	49
4.1 - De Tucuns à Santa Helena: História e Desenvolvimento.....	51
4.2 - Imagens da Memória: As Lembranças que o tempo não apaga.....	59
4.3 - Identidade e Representação: O Engenho em narrativas orais.....	65
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
6. REFERÊNCIAS	71
7. ANEXOS	75

1. INTRODUÇÃO

A história do engenho de Santa Helena, é mais que uma história, são histórias de uma família que, seguindo o mesmo modo de vida, o mesmo ofício, e assim, compartilhando saberes construídos, já se passaram três gerações. E foi esse entorno da coletividade familiar que caracterizou o povoado e deu a ele uma identidade de maneira que o passado pertence a todas as pessoas que têm suas histórias cruzadas, pelas lutas e conquistas para a melhoria da vida naquele lugar.

Essa temática foi escolhida por sua importância histórica e pela necessidade de registro da linda história - ou das histórias - do antigo engenho de cana de açúcar, tocado a bois, que já passou por três gerações, as quais sempre tiveram o mesmo interesse: gerar renda para sustentar a família. Hoje ele é mais do que isso, hoje vemos a grandeza e a riqueza que é aquele engenho como um patrimônio comunitário.

Salvar, na forma escrita, a memória do engenho que ainda permanece viva nas pessoas mais antigas do lugar e com as que ainda convivem com ele¹, é de suma importância, para que não se perda com o tempo; para que a história permanecer sempre viva e outras pessoas, além das pessoas que moram no povoado Santa Helena, tenham conhecimento do engenho de cana de açúcar que deu origem aquele lugar.

A história deste engenho – as histórias destes engenhos –, sua utilidade, seus produtos, as famílias envolvidas, as lutas e resistências, sempre despertaram interesse de pesquisa e de registro, pela crença de que a memória nunca pode morrer e deve ser passada para as próximas gerações, tanto na forma de conhecimento cultural, como na forma de conhecimento escolar, pois, além de ser um conhecimento riquíssimo, enquanto saberes e práticas de trabalho manual, é também um vetor de interligação do povoado Santa Helena com outras localidades, através da venda de seus produtos.

¹ Dentre estas pessoas vale destacar a avó, pais, tios, irmãos e demais parentes desta autora.

Pode se afirmar que o trabalho no engenho, exercido de forma rústica, tem sua base em uma sabedoria grandiosa, pois todo seu processamento, para fazer seus produtos, vem de um conhecimento natural que foi repassado de pai para filho, desde saber quando a cana de açúcar está madura, qual a forma correta do corte, tanto para a colheita, como cortar para plantar, até seu produto desejado. Todo esse passo a passo – da planta da cana até os produtos finais –, é bem pesado, mas encantador porque cada processo tem que ser bem-feito para não gerar desperdício.

Como participante desta história, devo dizer que, durante anos, eu olhava de forma diferente para aquele engenho, e achava bonito ver aqueles homens² trabalhando naquele lugar onde eu nasci e cresci vendo eles trabalharem juntos. Contar esta história, me faz lembrar lembranças de quando eu e meus irmão éramos crianças e passávamos naquele lugar todos os dias, pois ele era o percurso para irmos à escola e, também, de toda a nossa trajetória do dia a dia.

As lembranças de como o engenho era o tempo do meu avô; das casas; dos cochos feitos de coco babaçu; do pote; do recipiente onde a pinga caía pronta; da esteira feita do olho da palha de coco babaçu, que era colocada amarrada do lado do pote para proteger a pinga do vento; sua cadeira onde sempre ficava sentado; o banco onde todas as pessoas sentavam e que, quando necessário, se transformava em mesa para colocar as carnes, farinha, molho feito com a garapa azeda, nos dias de festas. Lembro que, quando ainda éramos crianças pequenas, no dia de fazer o mel, rapadura, tijolo e puxa, toda a família passava o dia todo no engenho fazendo a festa. Ah! Como estas lembranças me fazem voltar no passado.

Por achar bonito e encantador todo o trabalho desenvolvido no engenho, sempre desejei escrever sobre este invento. A princípio esta intenção era só no sentido de fazer um registro histórico privado, já que se tratava de um engenho familiar, que eu nem via como patrimônio identitário, via-o apenas como um lugar bonito, onde eu sempre gostava de estar. A paixão por aquele engenho, composto por aquelas peças rústicas, e o manuseio de todo o trabalho desenvolvido no mesmo, inicialmente eu não conseguia identificar, mas me perguntava porque ninguém ainda tivesse escrito nada sobre ele. Entendi que talvez essa curiosidade amorosa só tenha sido despertada em mim e gerado um significado maior na minha memória individual.

² Meu avô, meu pai, meus tios entre outros.

Essas lembranças e inquietações se tornaram um problema, um objeto a ser pesquisado, pois conhecer mais sobre a história daquele engenho requeria um exercício de mergulhar no passado para esmiunçar a história que é transmitida por meio de peças, materiais, pessoas com suas vozes e fazeres etc. A grande questão é saber como aquele velho engenho, sendo um patrimônio familiar, que através do trabalho rústico, difícil e, ao mesmo tempo, prazeroso para as pessoas, não tenha despertado o interesse do merecimento de ser registrado na forma escrita e/ou imagética. Por isso questionamos:

- Qual é a real importância daquele velho Engenho para a família donatária e para o povoado Santa Helena?
- De que forma podemos salvaguardar a memória de um lugar?
- Como contar a história de um lugar através de narrativas orais e de imagens?

Diante destes questionamentos, nossa hipótese é a de que não havia uma consciência quanto ao valor simbólico em relação a importância do velho engenho para a preservação da história da família e do lugar. Por conta desta falta de consciência surge a preocupação quanto a preservação dos vestígios do que foi e do que é o engenho hoje. Assim, para que possamos contar esta história, é necessário a busca de pessoas antigas e de imagens que aprisionaram o tempo em memórias que trazem os reflexos da história.

Para fundamentar e dar suporte teórico às discussões recorreremos a diversos autores, como: Le Goff (1990); Chauí (1995), Halbwachs (1990), Delgado (2003), Nora (1993), Pollak (1993) dentre muitos outros, os quais nos ajudaram a entender a importância da preservação da memória para a história de um lugar. Halbwachs (1990) diz que a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui, segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura, assim que sejam colocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. Sim, pois aquele engenho está na memória coletiva daquele lugar, assim como na memória individual de cada pessoal.

Desta forma, o principal objetivo deste trabalho é o de registrar a história de um engenho de moer cana pertencente a uma família do povoado de Santa Helena, no

Município de Nazaré (TO), que já passou por três gerações e está em sua quarta versão, transformando-se, assim, em um patrimônio e símbolo de identificação de uma comunidade, onde muitos moradores guardam na memória as histórias a trajetória daquela ícone contribui que, sendo uma tecnologia rudimentar, transmite um grande ensinamento às gerações das tecnologias modernas.

Mais especificamente objetivamos: a) compreender os conceitos de História, Memória, Patrimônio cultural e identidade de um lugar e um povo; b) Conhecer a história da invenção do engenho de moer cana de açúcar no Brasil e a história do velho engenho do povoado Santa Helena e seu valor patrimonial para o lugar; c) Conhecer os equipamentos que são utilizados no engenho para a fabricação de variados produtos comerciais; d) Identificar os saberes históricos e as memórias preservadas que ajudam a comunidade a conhecer e a valorizar a importância do engenho como um patrimônio para a comunidade.

A busca por estas informações, se deu através de uma pesquisa qualitativa e participante, cujos dados foram levantados por meio de narrativas orais das pessoas mais velha do lugar, as quais têm conhecimento de toda a trajetória da construção do primeiro engenho até o de hoje. Também foram feitos registros de imagens que mostram como era o engenho no início e como se encontra hoje.

As informações resultantes da pesquisa estão organizadas, neste trabalho de conclusão de curso (TCC), da seguinte maneira: no primeiro capítulo fazemos uma revisão teórica dos conceitos de História, Memória e Patrimônio com base em teóricos como: Le Goff (1984; 1990), Burke (1992), Nora (1993), Pollak (1993), Halbwachs (2006) dentre outros. No segundo capítulo apresentamos a história do engenho no Brasil, desde a plantação dos primeiros canaviais, a comercialização dos produtos até a implantação do Engenho de Santa Helena, criado em 1952.

No terceiro capítulo, na perspectiva da pesquisa de história oral, trazemos a história do povoado Santa Helena, desde a chegada dos primeiros habitantes e as imagens, ou lembranças, da memória dos moradores e a importância deste lugar e do engenho como patrimônio cultural do povoado Santa Helena. Nas considerações fazemos uma narrativa reflexiva sobre a importância e a influência do engenho como instrumento que deixou marcas profundas na infância da autora deste trabalho, além de concluirmos com a certeza de que há muito ainda a ser dito sobre a história do lugar e do engenho de Santa Helena.

2. CAPÍTULO I: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: Uma revisão conceitual.

A preservação de histórias do passado, de fazeres, de objetos e de lugares, por si só, já se constitui em um patrimônio cultural memorável que serve para identificar um lugar, um tempo e um povo. Um Patrimônio cultural é, portanto, um conjunto de bens materiais (Museus, Igrejas, Construções antigas, Monumentos, Sítios arqueológicos etc.) e imateriais (festas, crenças, costumes, saberes e tradições) que representam uma comunidade e são importantes para a preservação de sua história e sua memória.

Assim aconteceu com o Engenho de Santa Helena que pertencia a uma única família, mas que acabou se tornando um bem material cultural de um lugar. Mas para entender a importância deste monumento, neste capítulo faremos uma revisão pelos conceitos de História, Memória e Patrimônio, pois consideramos importantes para a compreensão do desenrolar da história de um povo e de um lugar. E por se tratar de um Engenho, também iremos buscar na história, como se deu esta invenção tão importante para o desenvolvimento do país.

2.1- História e Memória: Compreendendo conceitos.

De acordo com Stanger (2013), em seu artigo sobre Memória, História e Patrimônio, a maior parte das informações que constituem um determinado fato, encontra-se, geralmente, na memória ativa das pessoas. Estas informações, após imperativa necessidade de estudo, levam a formação de fatos históricos. Para Le Goff (2003) as informações estão guardadas na memória ativa das pessoas, mas com o tempo ela pode desaparecer, por isso a importância de torná-la registro, em vídeos, áudios, imagens etc. No entanto, se forem resgatadas, por meio de estudos, uma forma de guardar os registros de memória, permanecerão preservados e poderão ser resgatados em outros tempos. Por isso é considerável fazer registros e guardar materiais ou objetos que também são memória.

Uma visita feita ao Museu de Carolina (MA) fez ver a sua importância para a cidade, pois nele se encontra toda a história de um povo, sua cultura e patrimônio contada por meio de imagens, objetos que têm uma comunicação, uma vez que é colocado à disposição da sociedade, e tem, também, o papel de guardar todas os

seus pertences, que são preciosos, desenvolvendo a identidade local e regional do lugar, além ser uma forma educativa para as pessoas que o visitam. Os museus são espaços de preservação da história e levam isso à sociedade por meio de seus acervos compostos de documentos, imagens e objetos. Cada item tem um significado e uma história.

Para entendermos melhor os conceitos de História e Memória, é importante buscarmos a raiz das palavras através do que foi convencionado em Dicionários e depois a partir dos teóricos que discutem o tema. O Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa³ define história como sendo um “conjunto de fatos notáveis registrados em tradições, documentos, relíquias etc., referentes à vida dos povos e da humanidade em geral, desde o passado remoto até hoje” e, também como uma “Ciência e método que permitem adquirir, organizar, analisar e transmitir os conhecimentos da história; profissão de historiador”. É também uma narração de acontecimentos, ações, fatos ou particularidades relativas a um determinado assunto, já que se constitui também através de narrativas, enredos e dramas.

De acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos (2009, p. 182) “os significados da História estão em constante mutação”. Este dicionário apresenta o conceito de história na visão de diversos historiadores, cujo entendimento para os quais varia desde ser um fato particular a ser um acontecimento. Para Hobsbawm, por exemplo, a história “tem sentido e função políticas”, pois, segundo ele, “o passado e a História podem e são usados para legitimar ações do presente, ações políticas de diferentes cunhos, nacionalistas, étnicos etc.” (p. 184). Porém, o mais interessante é o entendimento de que “a história situa a humanidade no tempo” (p. 185).

Le Goff (1990), diz que a história, enquanto narrativa, interessa-se por uma forma particular de singularidades, conforme citado abaixo:

A história interessa-se por acontecimentos individualizados dos quais nenhum é a inútil repetição do outro, mas não é a sua individualidade enquanto tal que a interessa: ela procura compreendê-los, isto é, reencontrar neles uma espécie de generalidade ou mais precisamente de especificidade. E ainda: A história é a descrição do que é específico, isto é, compreensível, nos acontecimentos humanos. (Le Goff, 1990, p. 31).

³ HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Aurélio: Dicionário escolar de língua portuguesa**. Curitiba, PR: Maralto Edições, 2ª ed. 2011.

Nora (1984) diz que a memória está mais próxima da ficção do que da História, porque evoca o que passou, garantindo sua permanência reatualizada, ou mesmo ressignificada no presente. E ressaltando o papel dos escritores, a autora diz que “são os profissionais da história, os museólogos, os arquivistas responsáveis pela preservação de vestígios fragmentos do que passou, que fazem dos museus, arquivos e centro de documentação, lugares da História”. (Nora, 1984, p.11).

A memória está em todos os lugares, porque é construída no presente por histórias que expõem à tona lembranças que levam a um passado distante e que permitem a imaginação transparecer o real. A história pode ser materializada de diversas formas, com perspectivas diferentes, mas trazendo consigo algo em comum que é preservação da memória; preservar a memória é a garantia de que a história nunca vai ser esquecida.

Mas o que é Memória? Segundo o Dr. Lauro Sideratos, médico neurologista, “A memória é uma função cognitiva complexa e essencial que permite aos seres humanos e a outros organismos armazenar, recuperar e utilizar informações adquiridas ao longo do tempo”⁴. Nesta direção, retomamos o Dicionário de Conceitos Históricos (2009) o qual aponta que “a memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade, mas só muito recentemente se tornou objeto de reflexão da historiografia” (p. 275). Afirma que, outras ciências já trabalhavam com a memória, sobretudo a Psicanálise freudiana.

Para o Dicionário online Michaelis de Língua Portuguesa a palavra memória apresenta um vasto campo de significados, dentre os quais destacamos dois: 1) Faculdade de lembrar e conservar ideias, imagens, impressões, conhecimentos e experiências adquiridos no passado e habilidade de acessar essas informações na mente; 8) Monumento erguido para comemorar os feitos de pessoa ou coisa ilustre e notável; memorial⁵.

De acordo com Le Goff (1990, p. 423) a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Ou seja, na mediada

⁴ Conferir em: <https://drlauroneurologia.com.br/o-que-e-memoria/>. Acesso em setembro de 2025.

⁵ Conferir em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=3wQeZ>. Acesso em setembro de 2025.

em que as pessoas pensam elas estão produzindo memórias, coletivas ou individuais que são produzidas por acontecimentos vividos que às vezes parecem reais.

Segundo Poulet (1992, p. 54/5),

Graças à memória, o tempo não está perdido e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança (Delgado, 2003, p. 14).

De fato, o tempo só não está perdido graças a memória, ou seja, lembranças guardadas com pessoas mais velhas de um lugar, por exemplo; porque elas sabem toda a história dos lugares que moram ou de algum acontecimento da época, onde resgata as lembranças com a história que permanecia guardada em memórias, por meio de narrativas, contribuindo para eternizá-las na escrita. Pois, como diz (Lewenthal, 1981, p. 75), “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.” (Lewenthal, 1981, p.75).

É através das lembranças que somos remetidos a recordar um passado individual ou coletivo que fica guardado na memória, e a certeza de que vivemos um passado e conseguimos distinguir o ontem de hoje. Júlio Pimentel Pinto afirma que “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada” (Pinto, 1998, p. 307). Na afirmação de Pinto a memória é um lugar de refúgio, que permite recriar e reviver novas experiências, pois a todo momento tem novos acontecimentos, que vão sendo atualizados e guardados na memória.

Para Marilena Chauí (1995, p. 125) “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais”. Chauí confirma a capacidade humana de guardar, recuperar e trazer à consciência as informações que foram armazenadas na memória de longo ou curto prazo, portanto, nas palavras da própria autora: “A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança” (p. 128).

Delgado (2003, p. 16) traz as reflexões de Bobbio (1997), para quem “o relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade...”. É a nossa identidade que nos permite saber quem somos, e a atividade mental é onde reencontramos em nós mesmos aquelas lembranças que promovem um bom funcionamento cerebral e ajudam a manter e melhorar a capacidade de recordar informações, e essa rememoração nos leva às lembranças das histórias vividas.

Outra autora trazida por Delgado (2003, p. 17) foi Marieta Ferreira, para quem a memória “é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (2000, p.111). Já para Neves (1998, p. 218) na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidade espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É um conceito crucial porque “na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.”. Nesses conceitos de cruzamento entre o passado, presente e futuro, a autora afirma que não existe uma só memória, e sim várias com diversas formas e modalidades.

Para Delgado (2003 p. 20), tanto a História como a memória, apesar de distintas, possuem um substrato comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade. Em decorrência, como afirma Le Goff (2003, p. 120), são também espaço de poder. Para Le Goff (2003), memória e história não são diferentes, pois não são esquecidas, ou seja, são imortais por terem o poder estarem sempre vivas, através das diversas formas de registros, inclusive as narrativas orais.

As narrativas, segundo Delgado (2003, p. 14) possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte, através da viagem narrada. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois também, como afirma Benjamin, “incorporam as coisas narradas às experiências dos seus ouvintes”. E, conforme Grossi e Ferreira (2001) possibilitam “pontuar entre o momento da fala e o eternizar da escrita, desvãos que vazam no tempo o sentido da existência”. Uma pessoa, no momento da narração faz uma viagem no tempo, transportando-se para o

mundo da sua fala, ou seja, retomando sua história e, assim, sua memória vai ser eternizada em escrita.

A memória é algo que ora é lembrada ou esquecida, mas nos remete as lembranças coletivas ou individual que foram vividas. Conforme Halbwachs (1990), há uma interação essencial entre a memória individual e outra coletiva, pois as impressões pessoais apoiam-se na memória coletiva para atingir o ponto de vista do grupo, criando uma “consciência do grupo”, mas as lembranças coletivas aplicam sobre as lembranças individuais (p. 61-62). As impressões pessoais se apoiam nas memórias individual e coletiva e estão sempre entrelaçadas criando no seu consciente memórias.

Constitui-se, assim, um vínculo do indivíduo para o grupo, e um liame vivo de geração para geração. Assim, transmite-se a vivência de uma época, que são os testemunhos e condutas: “as maneiras de pensar e de ser de outrora que se fixam assim dentro de sua memória” (Halbwachs, 1990, p. 66). Um vínculo de um grupo é conexão entre geração e geração, que transmite seus conhecimentos, sua conduta para a sociedade.

O esforço da história em distinguir-se da memória, tem seu equivalente na distinção entre história e ficção: “a ficção como representação do imaginável e a história como representação do verdadeiro” (White, 1999, p. 115). Ou seja, esforço da história é mostrar a diferença entre memória, porque a história pode ser imaginação ou real. Ainda segundo Cléria Costa, em referência direta a história oral, “a história não se constitui apenas de um conjunto de acontecimentos históricos já descobertos, mas através da (re)constituição desses acontecimentos e da criação de novos pelo historiador; descoberta e invenção entrelaçam-se a cada instante” (Costa, 1997, p.133-145). Costa afirma, que a história não é só de acontecimentos históricos, onde tem suas referências, ela pode-se ser recontada por historiadores dando um novo contexto. Nora (1993, p. 3) diz que,

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconscientes de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações susceptíveis de longas latências e de repentinas revitalizações. (Nora, 1993, p. 3).

Memória e história, mesmo não sendo sinônimas, temos o conhecimento de que estão ligadas uma à outra, é por meio delas que surgem as lembranças, no entanto, Nora afirma que a memória está viva e é vida por seres humanos em qualquer lugar, por isso ela é aberta ao diálogo da lembrança e do esquecimento. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (Nora 1993, p. 3).

É oportuno por esteja sempre ligada ao presente e ao passado, servindo de base para criar a identidade individual e coletiva, inspirando conhecimento dentro da sua cultura ou vida social. A nossa lembrança precisa de uma comunidade, que é construída pelo convívio social, podemos então ter base em nossa impressão nas memórias de outras pessoas que estão compondo o mesmo grupo/comunidade da qual estamos inseridos para completar a nossa própria percepção dos acontecimentos como afirma Halbwachs (2013, p. 39). Ou seja, para Halbwachs as nossas lembranças não estão inseridas individualmente e sim no coletivo, pois é a partir daí que construímos as memórias que vão nos proporcionar a rememorar os acontecidos.

Para Halbwachs (2013), podemos recordar o que é necessário em nosso pensamento que, de certo sentido, não deixamos de aceitar, com pensamentos de outros grupos, assim o autor explica que esquecer determinado período de nossa vida é também perder o contato com aqueles que estavam próximos de nós, tornando assim a memória seletiva ou esquecida. Como aponta Pollak (1993), recordar é um ato importante dos nossos pensamentos, no qual foram vividos em quantidades numerosas de pessoas, podendo então esquecer de pessoas que fizeram parte do nosso grupo social.

2.2. Memória coletiva: Narrativas, Lembranças e esquecimentos

De acordo com Halbwachs (2013), podemos falar em memória coletiva quando evocamos algum evento que teve lugar na vida do grupo de pessoas ao qual pertencemos e consideramos até agora no momento em que nos lembramos do ponto de vista daquele grupo. Somente nessas condições é que uma lembrança poderá ser reconhecida e reconstruída “se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (Halbwachs, 2013, p. 69). Ou seja, a memória coletiva está

ligada a um lugar ou evento etc., onde se aglomera grandes quantidades de pessoas, só assim pode se dizer que é construída memória coletiva, se por acaso esquecer de algo os participantes que estavam no local podem lembrar como membros do local.

A existência dos lugares de memória, e os constantes esforços pela sua perenidade, é um reflexo da possibilidade do esquecimento. Como ressalta Nora, “se o que [os lugares de memória] defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis” (Nora, 1993, p. 13). Os nossos esforços para guardar ou mesmo salvar memórias é um indício de que tudo pode ser esquecido, por isso é importante que, quando percebermos ameaças de perdê-las, é necessário buscar formar de protegê-las.

Nora (1993) diz ainda que o fim das sociedades memória, assim como todas aquelas que asseguravam a conservação e o passar adiante os valores, igreja ou escola, família ou estado, o fim das ideologias memória, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro ou indicavam o que deveria reter do passado para preparar o futuro, selecionando os momentos de forma até inconsciente. Quer dizer que os valores que eram guardados e repassados de geração em geração mantêm a memória coletiva viva e já com a garantia de que o futuro seja preservado na sociedade.

De acordo com Peres (2021, p. 3), a memória pode ser interpretada como reminiscências do passado onde surgem no presente, no pensamento de cada sujeito, ou como forma da nossa capacidade de guardar quantidade de informações de fatos que foram vividos no passado, devido ao nosso convívio social com outras pessoas, a nossa lembrança necessita de uma comunidade afetiva. Para Peres a memória é interpretada como passado, mas quando é rememorada está no presente, ou seja, alguém que está fazendo um relato está no presente, ao conviver em sociedade com várias pessoas as nossas lembranças e experiências ajudam a manter a afetividade.

Ainda sobre memória, é importante observarmos que no campo individual, não podemos considerar como registro de tudo que passou, porque a memória é seletiva, que envolve o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado e são construídas ao longo dos anos, conforme Pollak (1993, p. 76). Mesmo no campo individual, faz-se memória, registro do passado, pois a memória consegue fazer uma seleção do que

foi construído ao longo do tempo e essa seleção é recorrente sempre que a memória é ativada para lembrar de algo.

Para Halbwachs (2006, p. 32), a memória coletiva é amplamente regulada, tanto pela oralidade quanto pela escrita para demonstrar a sua aceitação, ou não, em relação aos seres atuantes da sociedade e suas ideologias. Ao rememorar uma memória coletiva devemos ficar atentos ao articular algo ou até mesmo escrever, ou seja, deve-se regular, o que pode ir ao público ou saber que informações transmitir para que sejam aceitas pela sociedade.

Peres diz que:

A memória é parte integrante de nossas vidas, onde obtivemos várias experiências vividas, que ao longo do tempo ficam armazenadas em nosso pensamento, algumas que ficam marcadas sejam elas boas ou ruins, e podem ficar armazenadas em nosso inconsciente, e dependendo da condição podem retornar ao indivíduo a qualquer momento, seja pela emoção ou necessidade para realizar alguma atividade. (2021, p. 73).

A memória faz parte das nossas vidas, onde acumulamos muitas experiências vividas ao longo de toda existência, e as lembranças ficam guardadas em nossas memórias. Lembrando que na vida as experiências podem ser boas ou ruins mesmo assim permanecem no inconsciente, e podem ser ativadas a qualquer momento, dependendo das circunstâncias em que a pessoa se encontrar.

As lembranças de um acontecimento coletivo, de um fato vivido, de uma pessoa ou de lugares, podem transparecer através de diversas formas, como as narrativas orais ou escritas, por exemplo. As lembranças podem ser significadas e eternizadas através da iconografia, de monumentos e objetos guardados em museus, tornando-se, assim um patrimônio cultural representativo da identidade de um lugar.

A cultura do fazer coletivo, assim como a do brincar coletivo ficam nas lembranças porque misturam a imaginação com os saberes e a realidade. Neste sentido, reportamo-nos à obra *“A Terra dá, a Terra quer”* (Santos, 2023, p. 16) quando o autor diz que: “Quando a gente brinca de fazer o Reisado, a gente faz o Reisado. Quando a gente brinca de fazer a roça, a gente cresce aprendendo a fazer a roça, a gente brinca de fazer a roça até fazer a roça de verdade”. Para nós, nosso grupo familiar e comunitário era assim: as tradições culturais se misturavam com o trabalho e com as brincadeiras, virando, assim a nossa realidade, nossa identidade.

2.3- Patrimônio Cultural e Identidade.

Rodrigues (2012, p. 4) define Patrimônio cultural como sendo um conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O patrimônio faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. Por isso é que devemos dar grande importância ao registro de histórias e a salvaguarda de memórias e de patrimônios que identificam um lugar e um povo.

Mota, Cavalcante e Feitosa (2015, p. 2) dizem que o patrimônio cultural tem papel fundamental na construção da história – seja ela global, regional ou local – e na preservação e difusão da memória coletiva de um povo. Para exercer plenamente sua função de instrumento de propagação da memória, os patrimônios culturais precisam, não apenas ser considerados como tal e tombados pelos órgãos responsáveis, mas também preservados, conservados, valorizados e reconhecidos pela sociedade, o que pode ocorrer mediante educação patrimonial dos cidadãos ainda na infância, por exemplo, a partir dos primeiros anos escolares.

Nesta perspectiva, toda a sociedade precisa ter conhecimento do que é memória, para que os patrimônios e as culturas não sejam conservados só pelo poder público, mas sim, reconhecidos pela sociedade e protegidos e salvaguardado o seu valor. Mas para que isso aconteça, como explicita Mota, Cavalcante e Feitosa (2025), deve-se começar a ensinar as crianças, ainda na educação infantil, sobre o que significa um patrimônio, para que elas, desde cedo, aprendam a reconhecer e valorizar as culturas e a contribuir para a preservação da memória e do patrimônio do seu local e do mundo, e também a entender que patrimônio é essencial para a construção de sua história e identidade.

A representatividade da memória pode ser encontrada em qualquer lugar, como acentuam Mota, Cavalcante e Feitosa: “A história e a memória patrimonial de um povo podem ser encontradas nos muros, nas ruas, nas praças e em edificações antigas, que tentam sobreviver ao crescimento das cidades com suas arquiteturas modernas!” (2015 p. 2). Tem também uma luta diária para sobreviver aos tempos modernos, ou seja, elas podem desaparecer, considerando que não tem importância para o lugar e a sociedade por ser velha, com isso é deixado de lado toda uma história que faz parte

da construção daquele lugar, para dá vida a outras coisas do mundo moderno que só considera a atualidade diária.

Um exemplo deste contexto é o Centro de Memória da Educação (Cemed), cujo patrimônio é formado de materiais que foram usados durante anos, mas que, com a chegada uma nova tecnologia, mais moderna, foram ficando de lado. até que alguns professores olharam para aqueles materiais com um olhar diferente e deram vidas a eles. Assim nasceu, dentro da (UFNT) Universidade Federal do Norte do Tocantins, um espaço de preservação da memória, cujo acervo fica exposto e aberto para visitação pública de todas as idades e para pesquisa.

O Cemed é um espaço riquíssimo cheio de memórias afetivas e materiais onde estão guardados diversos registros da criação do Campus universitário e do Curso de Pedagogia, e que hoje tem um acervo composto por: Documentos, Fotografias, registros em Fitas VHS, Fitas K7 e Fitas de áudio, Livros, Cadernos de registros, Livros de pano, Convites de formaturas e antigos recursos tecnológicos utilizados no ensino, como: Máquina de escrever, Retroprojektor, Episcópio, Quadro de giz, Mimeógrafo dentre outros objetos. Todos esses ícones, segundo Lopes e Silva (2019, p. 04), “representam a história e a missão de ensinar, através dos cursos de formação de professores ofertados em diferentes épocas, espaços e modalidades desde a criação do Campus Universitário”.

É por isso a importância dos Centros de Memória e dos Museus, como espaços de preservação da memória de um lugar, de um povo ou de um acontecimento. Stanger (2013) citando Ojeda (2008), diz que:

Os museus são uma instituição, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público e que realiza investigações que dizem respeito aos testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, adquire os mesmos, conserva-os, transmite-os e os expõe, especialmente, com intenções de estudo, de educação e de deleite. (Stanger, 2013, p. 7).

Ojeda afirma que os museus não têm fins lucrativos para a sociedade, ou seja, esta disposição para receber e apresentar a história e/ou a cultura de um lugar, através de acervos compostos de documentos, materiais, imagens, objetos etc., que se transformam em um patrimônio que garante e salvaguarda a história, com o objetivo de conservar e manter sempre viva a memória a partir da exposição ao público, que pode ser pesquisadores ou visitantes. É deste modo que, segundo

Chagas (2006), os museus e demais espaços de cultura representam um dos lugares responsáveis pela memória de um povo, encarregados pela preservação das obras produzidas pela humanidade, com suas histórias, com os meios próprios que dispõem. (*Apud* Stanger, 2013).

Os museus, assim como os espaços de cultura e monumentos, representam uma história e memória de um povo que é produzida pelos humanos, e se encarregam com o cuidado de preservação as obras e disponibilizando-as ao público. Pois, “o que mantém um museu vivo é a sua relação dinâmica com a sociedade, portanto, museus não são instituições permanentes, mas práticas sociais colocadas à serviço da sociedade e seu desenvolvimento”. (Chagas, 2006 *Apud* Stanger 2013). Para um museu permanecer vivo, precisa estar aberto ao do público, o que contribui para o desenvolvimento da sociedade.

Para Chagas (2006), os museus não exercem apenas o papel de guarda, mas têm a vocação de investigar, documentar e comunicar-se. Trabalham permanentemente com o patrimônio cultural integral, ressaltando sua dimensão educativa, procurando, assim, desenvolver as identidades locais, regionais, nacionais e intergovernamentais. (*Apud* Stanger, 2013). De fato, o museu não tem só papel de guardar, ele é fonte de pesquisa, investigação, de documentar e comunicar-se, no entanto, tudo que tem dentro do ambiente tem sua própria linguagem, a qual é transmitida ao receber o público, deixando explícito que a linguagem varia de espaço para espaço, pois cada um tem sua própria história e memória.

Desta forma, como ressalta Chagas,

Os museus devem representar a sociedade e sua estruturação, onde sua função mais premente é ser o espaço de comunicação direta com a comunidade. Esta dinâmica faz do museu um espaço de diversidade sem, no entanto, jogar fora o velho – mas debruçando-se criticamente sobre ele, fornecendo instrumento para o diálogo permanente. (*Apud* Stanger, 2013, p. 7).

Os museus representam a sociedade com seus materiais, talvez de época ou não, sem abrir mão da grandiosidade e da importância dos seus bens e objetos, pois são os mesmos que contam a história do lugar. A importância dos museus e monumentos é a capacidade de preservar um passado, por isso a necessidade de contextualizar seus objetos, não só expor, pois cada um tem seu significado e carrega consigo uma história.

Esta reflexão sobre os conceitos de história, memória e patrimônio foi importante e necessária para entendermos a própria história da existência humana na terra e as marcas que o homem vai deixando nos lugares onde viveu, nas coisas que fez, nas sementes que plantou, nas invenções e em tudo o mais que realizou: feitos históricos, família, plantações, estradas, construções etc. Tudo isso, como a extensão de si mesmo, perpetuarão a sua história e o significado de sua existência.

As invenções, talvez sejam a coisa mais marcante na existência humana, pois nenhum outro ser vivo tem a capacidade de transformar a realidade e a natureza como o homem. E foi pelo desejo de conhecer, expandir o universo, dominar lugares, modificar a rotina, facilitar os modos de produção que o homem sempre inventou coisas, entre estas coisas vale ressaltar as embarcações que favoreciam a navegação e a dispersão do homem sobre a terra em lugares cada vez mais distantes.

Todo esse rodeio foi necessário para nos levar a uma invenção histórica e de grande importância para o desenvolvimento e a produtos alimentícios a partir da manipulação de plantas, raízes e grãos, como a mandioca, a cana de açúcar e grãos de café dentre outros. Estamos falando da invenção do Engenho de moer cana e, especificamente, do velho Engenho de Santa Helena, um invento, bem antigo, que se tornou um patrimônio, um símbolo identitário de uma família, de um lugar, de uma cultura e de uma história. É dele que vamos tratar no próximo capítulo.

3. CAPÍTULO II - A HISTÓRIA DE UM ENGENHO COMO PATRIMÔNIO DE UM LUGAR.

De acordo com Boaventura Santos (1994), à História e à memória compete buscar empreender a tarefa de guardar e fazer permanecer viva a história de um povo ou de um acontecimento, para evitar que o ser humano perca as referências fundamentais à construção das identidades coletivas. Esse raciocínio nos remete objeto de nossa pesquisa que é um velho Engenho de moer cana do Povoado de Santa Helena, no Município de Nazaré, Estado do Tocantins.

O Engenho de Santa Helena, criado no início da década de 1950, seguia os mesmos padrões que os primeiros engenhos chegados no Brasil com os Portugueses, cuja finalidade, ao moer a cana de açúcar, era fazer a rapadura e outros produtos e guloseimas extraídas da cana de açúcar e que se tornaram muito conhecidas e valiosas em todo território nacional. Por isso, é importante, antes de adentrarmos à história do Engenho de Santa Helena, fazermos um retrocesso ao tempo para buscarmos as reminiscências, ou melhor dizendo, a história do moedor de cana de açúcar no Brasil.

2.2 - A invenção do Engenho de moer cana no Brasil.

O Engenho de moer cana é um invento muito antigo, assim como o cultivo de cana de açúcar que vem dos tempos da antiguidade. De acordo com o Site da União Nacional de Bioenergia (Udop)⁶, foi na Nova Guiné que o homem teve o primeiro contato com a cana-de-açúcar e de lá, a planta foi levada para a Índia e lá ganhou muito significado, de maneira que a palavra "açúcar" é derivada da palavra "*shakkar*", que significa açúcar, em sânscrito, antiga língua da Índia.

Ainda de acordo com o *site* referenciado, foi Cristóvão Colombo, que era genro de um grande produtor de açúcar na Ilha Madeira – Portugal –, quem introduziu o plantio da cana na América, em sua segunda viagem ao continente, em 1493, onde hoje é a República Dominicana.

No Brasil, a cana-de-açúcar foi introduzida por volta de 1533, com a chegada da expedição de Martim Afonso de Sousa, que fundou o primeiro engenho de açúcar

⁶ Conferir em: <https://www.udop.com.br/noticia/2003/01/01/a-historia-da-cana-de-acucar-da-antiguidade-aos-dias-atuais.html>. Acessado em julho de 2025.

em São Vicente, no litoral paulista. As condições climáticas favoráveis e a vasta disponibilidade de terras férteis fizeram da colônia brasileira um terreno ideal para o cultivo da cana, de maneira que logo, o cultivo se espalhou por todas as capitanias, sobretudo, as que se estendiam pelo litoral.

De acordo com Ferline ainda no Brasil recém-descoberto, Portugal já inicia a plantação da cana de açúcar na colônia, conforme consta em um alvará de 1516. Neste alvará, Dom Manuel, Rei de Portugal, ordenava que fossem dadas ferramentas como: machados e enxadas às pessoas que fossem povoar o Brasil e que procurassem um homem experiente para que construísse o primeiro engenho de açúcar, e a este homem fosse dado tudo que ele precisasse. Porém essa intenção não se realizou, assim recentemente, pois a colônia Brasil ainda não oferecia as condições para este feito.

Na década de 1530, os primeiros donatários portugueses iniciaram, nas terras da América Portuguesa, a implementação de engenhos de açúcar. Esses engenhos, em sua forma mais rudimentar, eram movidos pela força dos escravos e por cangas de bois, para a produção principalmente de açúcar e de cachaça. No Brasil “a iniciativa para a construção do primeiro engenho caberia a Martim Afonso de Souza, em 1532” (1998 p. 21). Este engenho foi instalado na Capitania de São Vicente, hoje, estado de São Paulo e após passar por várias denominações é hoje conhecido como São Jorge dos Erasmos, o qual ainda hoje tem ruínas preservadas.

Figura 1 - Ruínas do Engenho de São Vicente dos Erasmos



Fonte: <https://bahia.ws/engenho-sao-jorge-dos-erasmos/>

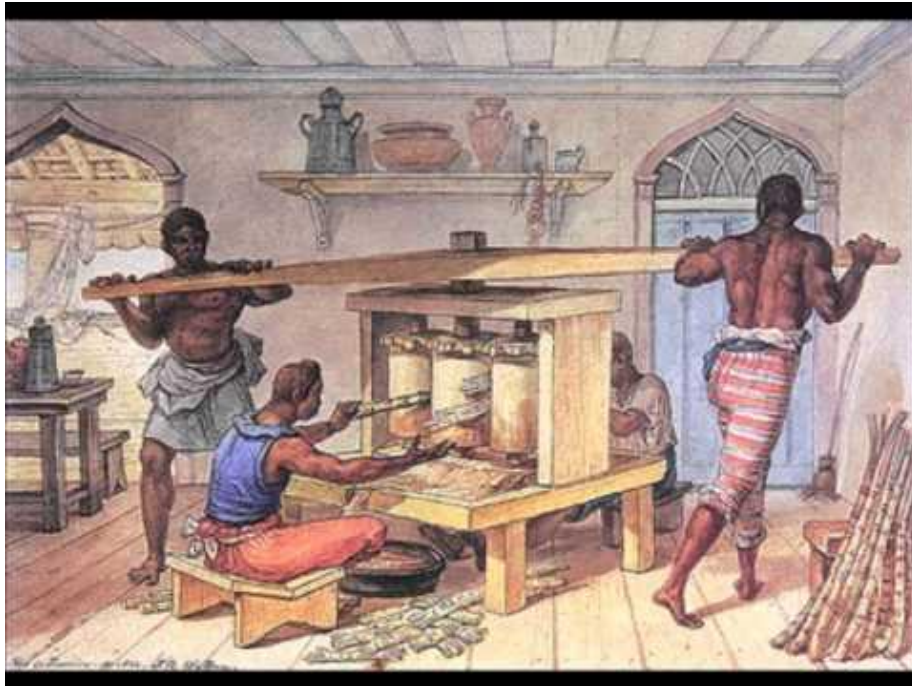
A região Nordeste foi a que assumiu maior importância no cultivo da cana, devido às condições de seu solo: um solo escuro e argiloso (massapê) originado pela decomposição de rochas como o gnaise e o calcário e extremamente fértil. O clima quente e úmido e as chuvas regulares também ofereciam excelentes condições para cultivo da cana. Além disso, sua proximidade da África, local de onde vieram os escravos para trabalhar na lavoura, e de Portugal, facilitava o transporte do produto. Dessa forma, o litoral nordestino tornou-se a principal área açucareira no Brasil Colônia, principalmente os estados de Pernambuco e da Bahia.

De acordo com o *site* Museu da Cana⁷ (2023), por ser uma estrutura complexa, o engenho necessitava de grandes extensões de terra para abrigar todas as suas funções. Cada uma das etapas do processo de fabricação do açúcar refletia na arquitetura e criava a sua configuração espacial. Assim, os engenhos do século XVII eram constituídos pela casa de moenda, cozimento e purga, construída com pedras e perto de rios. A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII na Europa, trouxe inovações técnicas para a fabricação, porém, tardou no Brasil, que perdeu mercado para a produção de açúcar no Caribe.

O sistema de engenho era o modelo produtivo característico da economia açucareira no Brasil colonial, centrado na produção de açúcar a partir da cana. Ele integrava grandes fazendas, conhecidas como “plantations”, que cultivavam a cana, e os engenhos, instalações onde a cana era processada e transformada em açúcar. Esse sistema era altamente dependente do trabalho escravo e operava em larga escala, com a divisão de tarefas entre o plantio, a colheita, o transporte da cana e o processamento nos engenhos, que utilizavam moendas movidas por força hidráulica ou animal.

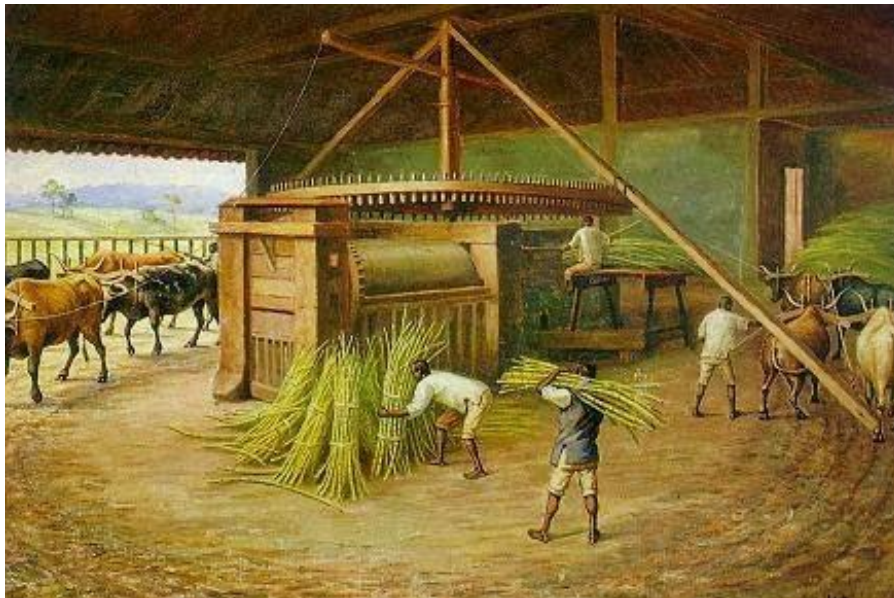
⁷ Conferir em: museudacana.org.br/documentos-de-referencia/a-historia-do-engenho-central-e-do-museu-da-cana/. Acessado em agosto de 2025.

Figura 2 – Engenho movido pelos escravos



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural, 2024.

Figura 3 – Engenho movido por bois.



Fonte: Guia turístico de Salvador. <https://bahia.ws/engenho-de-acucar-no-brasil-colonia/>

Os donatários recebiam privilégios jurídicos e fiscais para a implantação de engenhos no prazo de três anos, tais como: isenção de taxas sobre a produção de açúcar, exclusividade na fabricação de moendas e engenhos d'água, honrarias e títulos, escravização dos indígenas em número ilimitado e autorização para exportá-los para Portugal, permissão para autorizar a construção de engenhos e para receber tributos pela comercialização dos produtos fabricados (Rodrigues; Ross, 2020, p. 21).

O sucesso do negócio açucareiro foi tão grande que incentivou a migração de colonos portugueses e de outras capitanias, como Ilhéus e Porto Seguro, fazendo com que, em 1585, Pernambuco contasse com 66 engenhos e com o principal porto de exportação do açúcar nordestino para Portugal, a partir do Porto de Recife (Schwartz et al, 1988 *Apud* Rodrigues; Ross 2020, p. 25).

O cultivo de cana-de-açúcar no Brasil se concentra principalmente em Estados que possuem condições climáticas e de solo favoráveis, além de uma infraestrutura bem desenvolvida para o escoamento da produção. Mas com o avanço rumo a interiorização no Brasil, outros estados foram aderindo à plantação de cana e a produção de açúcar, como o caso do estado de Goiás.

Localizado no Centro-Oeste, o Estado de Goiás foi se destacando no cultivo de cana-de-açúcar. Com áreas extensas dedicadas à agricultura, Goiás foi ampliando, cada vez mais, sua participação no setor. Atualmente a sua produção recorre à tecnologias ultramodernas, como, por exemplo o uso de drones para monitoramento das lavouras, conforme o *Site Mais Agro*⁸ (2024).

É no contexto do Estado de Goiás que nasce o Engenho de Santa Helena, nosso objeto de estudo, que antes de ser um instrumento na perspectiva do agronegócio industrial e comercial era um bem identitário de uma família e de um lugar. Por isso é que se tornou um bem patrimonial representativo dos saberes e fazeres de um povo em um tempo distante. E é deste que iremos falar a seguir.

2.2 - O Engenho de Santa Helena: Um pouco de sua história.

O engenho de Santa Helena foi e continua sendo um monumento identitário representativo da memória coletiva de um local. Este não era um engenho qualquer,

⁸ Conferir em: <https://maisagro.syngenta.com.br/tudo-sobre-agro/historia-da-cana-de-acucar-no-brasil-da-chegada-a-lideranca-mundial/>. Acessado em Setembro de 2025.

era um engenho que fazia girar a vida das pessoas daquele povoado. Através do trabalho no engenho as pessoas construíram uma história cheia de saberes, aprendizagens e memórias. A prática constante fez com que desenvolvessem um aparato, cuja tecnologia que ia se aperfeiçoando com o tempo, na medida em que era repassada de uma geração à outra a cultura, representada na função de fabricação de variados produtos derivados da cana-de-açúcar.

O Engenho de Santa Helena tem sua origem em um engenho anterior que existia em um lugar chamado Pimental⁹ que fica no extremo norte do então Estado de Goiás. Este fora o mais antigo engenho de que se tem notícia na região, foi construído pelos senhores José Inácio e Luizinho e era feito de madeira das matas virgens que existiam. As partes que compunham o engenho eram feitas de madeiras tiradas no meio da mata, depois eram trazidas em partes arrastadas por bois de canga até a este lugar chamado Pimental e aí montavam o engenho para começar a trabalhar na moedura da cana-de-açúcar.

Em seguida, o senhor José Inácio, juntamente com o senhor Tonísio, o senhor Miguel e seu filho Mariano, construíram um outro engenho, passando, assim a trabalharem com dois engenhos, ambos tocados por bois. O engenho de madeira era deitado e ocupava três pessoas para fazer a moagem: De um lado, uma pessoa ia colocando a cana e, do outro lado, duas pessoas iam recebendo e devolvendo para moer novamente.

No povoado Santa Helena, a história do engenho começou com o senhor Raimundo José de Macedo¹⁰, conhecido por “Raimundão”. Este engenho é uma história de família que continua passando de geração em geração e já se encontra na terceira geração. Mas tudo começou quando o senhor Raimundão, juntamente com seus filhos Luiz e Francisco (Chiquim), aprenderam a fazer cachaça trabalhando no engenho do senhor Pedro Cândido, no povoado Pinga. Na época Luiz plantou um pouco de cana, nas terras do Pedro Cândido, para moer e dividir a cachaça na meia¹¹.

As primeiras canas foram trazidas das terras do senhor Antônio Pereira e plantadas em 1952, e no ano seguinte, 1953, já se haviam formado um grande

⁹ Este lugar tem esse nome porque, quando os primeiros moradores (Chiquim, Luiz e José Alcino) chegaram tinha muita pimenta de macaco, por isso deram este nome e passaram a morar ali.

¹⁰ O senhor Raimundo José de Macedo (Raimundão) é bisavô desta pesquisadora.

¹¹ Significa: medidas iguais. Exemplo: Se fosse produzidos 20 litros de cachaça seriam divididos em duas partes iguais, ou seja, 10 litros para cada um.

canavial. A semeadura acontecia de forma espontânea, através da prática de, quando iam trabalhar na roça, arrancavam pés de cana, cortavam uma parte para chupar e já guardavam a raiz para plantar depois. Esse costume fez com que logo começassem a colher as primeiras canas.

Figura 5 - Corte da cana e a condução até o Engenho



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Logo o senhor Raimundão iniciou a construção de seu próprio engenho. Este seu **primeiro engenho** foi feito por José Inácio e Luizinho nas matas, totalmente de madeira da planta Ipê e Jatobá. As peças de madeira eram criadas no mesmo local onde as árvores eram derrubadas e depois transportadas para o povoado pela força de bois que as arrastavam através de canga amarradas em seus pescoços. No local escolhido, ergueram o engenho e fabricaram os utensílios necessários, como: Cocho, Tarole (vasilhame que apara o caldo de cana quando está sendo moída), Colheres, Gamela, Facas e as formas e Cuia. Esta geralmente é feita da fruta cabaça, para pegar a garapa e colocar em uma lata e depois levar para o cocho.

Vale rememorar que o primeiro alambique do engenho de Raimundão foi comprado de segunda mão, ou seja, já era usado, cujo primeiro proprietário fora o Sr. João Terto. Era de cobre e estava instalado em lugar chamado Santa Luiza, perto do povoado Piaçava.

Figura 6 - Bois de Canga trabalhando no Engenho de Raimundão.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O segundo engenho foi feito por José Inácio, Tonísio, Miguel e Mariano que é filho do Miguel, entre os anos de 1959 e 1960, na época trabalhavam com os dois engenhos ambos tocados a bois. O engenho de madeira era deitado e ocupava três pessoas para fazer a moagem, sendo uma para colocar a cana e duas do mesmo lado para receber e devolver para moer novamente. Raimundão e seus filhos Francisco (Chiquim) e Luiz trabalhavam juntos no engenho fazendo Rapadura, Tijolo com milho ou com o que desejassem para o consumo e vender, mas só que quem vendia os produtos era o senhor Raimundão.

Depois começaram a fabricar a pinga (cachaça), quando fazia o mel e ele não engrossa para ponto de rapadura pegava e colocava água, depois levavam para os cochos, feitos de madeira, e esperava fermentar até cair, ou seja, até ficar azeda e depois levam para o alambique de cobre. Depois vai estilar, ou seja, é hora de fazer a Pinga e, em cima do alambique tinha um capacete, que era onde colocava água fria na hora de estilar, e era preciso trocar todas as vezes que a água esquentava. Os produtos eram feitos para o consumo e para vender, quando iam vender era levado em jumentos com a ancoretta.

Figura 7 - Litro de Cachaça (Pinga) produzida no Engenho do Raimundão



Fonte: Arquivo cedido por um membro da família

Em 1960 o senhor José Ramos dos Santos, conhecido como Zé Neto, começou a trabalhar com o senhor Raimundão, seu serviço era tocar os bois na hora de moer a cana e os outros animais com as cargas dos produtos do engenho para vender ou para comer. Quando Raimundão morreu, em 1961, seu filho Luiz ficou com o engenho, e Zé Neto, que já sabia os carreiros, isto é, os caminhos e os pontos de venda dos produtos, começou a vender Pinga juntamente com Luiz, no povoado Ronca (moeda), Natal, na cidade São Vicente do Araguaia (Araguatins) e no povoado Centro do Augusto (Augustinópolis). Todos os materiais (vasilhames) utilizados do engenho, como: o cocho, o tarole, as colheres, a gamela, as facas e as formas, eram feitos de madeira, como o ipê e a jatobá e manualmente.

Para fazer os produtos sempre tinha três ou mais tachos colocados em cima das fornalhas. Um para colocar o caldo de cana para ferver; outro para quando já estiver fervendo e o outro para apurar, ou seja, quando já está pronto de levar para gamela e depois para as formas. Para mexer o caldo de cana nos tachos era usado uma passadeira que é uma cuia de coité furada, amarrada em pau de gancho, que tira a sujeira. A outra também era cuia de coité, só que sem furo, mas amarrada em pau de gancho porque é com elas que o caldo de cana era repassado de um tacho para outro.

Figura 8 - Alambique em cima da fornalha para ferver a garapa azeda.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O terceiro engenho, foi comprado entre os anos de 1970 do senhor José Manuel Costa, era de ferro e já era usado, ou seja, era comprado de segunda mão. Depois de alguns anos, já na década de 1980, um outro engenho foi comprado. Já era **o quarto engenho**. Foi comprado novo pelo senhor Jeca Gomes na cidade de Imperatriz. Porém todos, até este mais novo eram tocados a bois e, nessa época, o responsável era o senhor Luiz José de Macedo.

Nesse período os engenhos anteriores foram mudados de lugares, apenas o último engenho permanece no mesmo lugar onde foi instalado. Os cochos já não eram mais de madeira, eram feitos do caule do coco babaçu, sempre escolhia os maiores e fazia os cochos cortando ao meio com machado até ficar na profundidade desejada. Hoje o cocho é de boião de plástico de 200 litros, não se usa mais lata para pegar o caldo de cana e é com um balde de plástico que o caldo é levado para o cocho.

2.3- Os Utensílios e a Fabricação de Produtos no Engenho de Santa Helena.

O trabalho de corte de cana sempre foi feito por homens e manual com uma ferramenta chamada facão, depois eram levadas em um jumento com cangalha (sela) com cambitos, e quando chegava colocava as canas em um lugar chamado banco, porque ele fica ao lado da moenda. Naquele tempo o engenho era diferente, as casas eram sempre cobertas de palhas de coco babaçu. As ferramentas eram divididas em duas casas, uma para o a moenda e outra para os cochos e o alambique. Na parte

maior, onde ficavam os cochos, tinha um pote onde a cachaça caia e um esteira que era colocada ao redor para proteger do vento.

A Canga é um pau de madeira feito de forma manual que é colocada no pescoço dos bois para que eles caminhem juntos. A Manjarra é fica em cima da moenda do engenho. É feita de madeira, e tem um detalhe importante: não é qualquer madeira, tem que ser resistente e torta para se adequar em cima da moenda do engenho, os paus que fica dentro da canga, com uma corda pequena, chamam-se canzilos e são amarrados no pescoço do boi na hora que vai moer. É importante trocar a ordem dos bois a cada nova moedura, o que separa cada um de um lado é um pau chamado de tamboeiro, pois há um lado que em que o boi coloca mais força. Por isso tem que ter sempre um cuidado de não deixar sempre o mesmo boi pelo lado de dentro.

Figura 9 - Canga de boi e cambitos



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na época do senhor Luiz, a vasilha que aparava a garapa era um **cocho** de madeira de jatobá que cabia 10 latas de 20 litros, ou seja, 200 litros de garapa. Na hora de moer a cana, por ser grossa, era preciso bater com um macete de madeira para rachar e passar na moenda. Atualmente a vasilha que aparava a garapa na hora que está moendo é um tambor de plástico de 100 litros e, na medida em que vai ficando cheio, a garapa é retirada, com um balde de plástico de 12 litros, e levada para dois tambores de 200 litros, onde já está feito o pé do cocho. Porém, só são colocados 100 litros em cada tambor, porque precisa de espaço para fermentar a nova garapa doce, e, quando ela está fermentando, fica fervendo, cheia de bolhas, fazendo com

que a sujeira saia para fora do tambor ou cocho. Esse processo dura 24 horas e quando termina a fervura, a garapa está pronta para levar ao alambique, ou seja, está azeda.

Figura 10 – Tambor de madeira para fermentação do caldo da cana



Fonte: Imagem cedida por um membro da família

A **Rapadura**, **Tijolo** e **Mel** são feitos de forma manual, por isso, no dia em que Vão era feitos, o serviço tem que começar de madrugada e o processo continuava o dia todo envolvido no processo de fabricação destes produtos. O primeiro passo é com a **fornalha**, os **tachos**, que são dois, e a **caldeira**. A caldeira é onde ferve o tacho com a garapa, que deve ser sempre uma garapa nova. A rapadura é feita no tacho, porque tem que ser grosso para não queimar no período da apuração, e deve ser mexida com a passadeira, que é uma **Cuia** sem ser furada.

Já a cuia furada é a espumadeira que serve para limpar a garapa, pois quando ela ferve solta uma espuma, por isso tem que ser limpa. Entre os utensílios tem também a **gamela** para colocar o mel apurado, as **formas** para fazer tijolos e rapaduras e uma **pá** para mexer o melado, **colheres** para pega o melado e colocar nas formas e um **facão** para cortar a rapadura na forma a sua função é alisar deixando todos com mesmo tamanho.

Figura 11 - Utensílios: Gamela, Colheres, Cuia, Pá e Formas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para fazer a Rapadura, o Tijolo e o Mel, é preciso ter sempre três ou quatro tachos e uma passadeira, ou seja, uma cuia furada e amarrada em um pau de gancho que serve para retirar a sujeira da garapa. Também eram colocadas cascas de mutambas dentro do primeiro tacho, pois sempre recebia a garapa nova, que faz a sujeira subir. Os outros tachos e uma cuia sem furos e amarrada da mesma forma ele ia fervendo e passando para outros tachos. No primeiro fica a garapa nova, sempre fervendo, secando e caindo no segundo tacho e assim vai fazendo a troca para outro tacho até fica no ponto de apurar, e ser levada para a camela. Lembrando que os tachos vão estar sempre com garapa que, na medida em que ela vai engrossando, é passada para outro tacho, e assim por diante, de maneira que sempre tem mel no ponto de fazer os produtos.

O **Mel** tem um ponto certo, que é quando ele faz a primeira cabeça, quando está fervendo já há um bom tempo e fica amarelo. Neste ponto ele começa a ferver para dentro, aí está na hora de ser colocado na cuia e rodar se ele fica pingado e apartando esse é ponto do mel. Já para fazer a **rapadura** tem que deixar o mel ficar grosso, de maneira que ele fique pipocando e depois mexer dentro do tacho e ser se ele tem um cheiro de rapadura, ou pode colocar um pouco na cuia e passar o dedo, se coalhar já está no ponto.

Para fazer o **tijolo** tem que tirar o mel mais fraco, ou seja, mais fino, porque tem que juntar com a massa de mandioca seca. O tijolo feito com mamão verde tem que descascar, lavar, cozinhar e deixar esfriar e depois peneirar para obter ponto de massa e colocar dentro do tacho com mel e deixar ferver até apurar, levar para a gamela e depois para a forma. Se for com o coco babaçu, primeiro tem que quebrar o coco, pisar no pilão e reservar, e quando o mel estiver apurado na gamela, coloca-se a massa de mandioca ralada e seca e mistura o coco babaçu, acrescentando gengibre, erva doce, canela etc.

O tijolo com **milho** tem que pisar os grãos no pilão até obter o ponto de massa e depois peneirar e misturar com a garapa e deixar cozinhar bem até engrossar no ponto que o tijolo fica mole, e depois levar para gamela - vasilha feita de madeira onde se coloca o mel apurado para fazer os produtos -, pode-se colocar o cravo da Índia, canela, era doce em todos os tijolos, conforme o gosto. O tijolo com **palmito** de coco babaçu, requer primeiro a derrubada de palmeiras novas, que ainda não produziram cachos de coco, e depois da retirada do palmito, o processo é o mesmo: cortar, ralar e colocar na garapa e deixar cozinhar até chegar ponto de levar para a gamela.

Figura 12 - Produtos finalizados, rapadura e tijolo, enrolado em palha de sororoca



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para fazer **puxa** tem que ser com cana torta, raspar com uma faca ou facão para retirar a sujeira, depois que colocar o mel apurado para fazer rapadura dentro da gamela. Em seguida coloca-se a cana e rola para pegar bastante mel, depois retira e fica rolando sempre virada para cima, pois se colocar para baixo o mel vai cair. Fica-se assim por alguns minutos até esfriar ou chegar a um ponto onde se possa pegar

com as mãos. Retira-se a cana e começa a puxar com as mãos bastante até ela fique morta. O ponto em que está morrendo é quando ela gruda muito nas mãos depois solta; o ponto morto é quando não gruda mais nas mãos, então pode-se deixar na vasilha que desejar.

Para fazer a **Pinga (Cachaça)** na época que do Raimundão os cochos eram de madeiras e cada um cabia 20 latas e sempre usavam quatro cochos. Na época do senhor Luiz os cochos eram feitos do tronco da palmeira babaçu, que é uma palmeira nativa da região norte. Para isso tinham que derrubar o pé de coco, cortavam uma tora e faziam uma vala nela usando ferramentas como machado, enxadeco e cavador¹². Este utensílio era feito no mesmo local onde derrubava a árvore e depois de pronta, a mesma era carregava, pelos bois, até o engenho. Depois alguns Homens se juntavam para colocar cada peça no seu lugar.

Hoje, no lugar dos cochos de babaçueiro, usam tambores de plástico. O motivo da substituição foi devido à proibição, pelas Leis Ambientais, de derrubada da Palmeira de babaçu. Além disso, o não há o trabalho com a fabricação, pois é preciso que a palmeira não tivesse nenhum furo e nenhuma broca nele. Apesar disso, a duração era, em média, de cinco anos enquanto o tambor de plástico tem uma durabilidade bem maior, o que contribui para a diminuição dos gastos. Outra diferença dos cochos de coco babaçu para os tambores de plástico é a facilidade de manuseio, principalmente em relação à limpeza, pois após a utilização, o tambor plástico é lavado e emborcado dentro de casa, já os cochos de coco babaçu não tem como virá-lo de boca para baixo devido a seu peso que dificulta o manuseio.

O **pé do cocho**, na época do Raimundão, era feito com garapa doce e farinha de puba, milho torrado na panela e pisado no pilão para quebrar depois todos esses ingredientes eram colocados dentro do cocho e esperavam 15 dias para ficar pronto. Na época do senhor Luiz, segunda geração, o pé de cocho, o era feito com os mesmos ingredientes e da forma. Já na terceira geração, o pé de cocho continua sendo feito da mesma forma, porém já modernizado em algumas coisas, por exemplo: em vez de pisar o milho no pilão, passaram a usar um motor elétrico. E mais recentemente a

¹² Um machado é uma ferramenta com uma lâmina afiada para corte, utilizada principalmente para derrubar árvores ou cortar lenha; O Enxadeco é um tipo de enxadão largo e pesado, frequentemente usado em trabalhos de jardinagem e agricultura para revolver solos compactados, cavar ou preparar a terra; O cavador é usado na construção civil e é utilizado para escavar buracos para instalar tubulações, fundações e estruturas.

forma de fazer o pé de cocho foi modernizada, o que facilitou o trabalho e diminuiu o tempo de espera e a quantidade de ingredientes. Agora passaram a moer a cana, pegar o bagaço e colocar dentro do tambor de plástico coberto com um peso, especificamente uma pedra, para não subir, cobre o bagaço com a garapa doce e é só esperar o tempo de ele ficar pronto, que leva oito dias.

No **alambique** são usadas raspas de árvores chamadas Cachamorra e Faveiro, encontradas na chapada. No início, as raspas dos troncos dessas árvores eram colocadas dentro do saco de fibra e transportadas até o Engenho através de um animal, hoje é de bicicleta ou de moto. Estas raspas são usadas para colar o alambique, que já está dentro do tacho de cobre e o mesmo em cima da fornalha. As raspas são colocadas no espaço que sobra entre o alambique que está dentro do tacho, depois tem que bater com um cassete de madeira até ela unir endurecer. Essa colagem é necessária para que a garapa não evapore de dentro do alambique.

O **alambique** é feito de madeira de uma árvore chamada Taruman ou Ipê (Poradrico, como era chamado) roxo ou amarelo. É muito resistente e quanto mais é usada mais resistente fica. O alambique depois de montado, em suas pequenas partes, coloca-se os arcos de ferro para que fique bem firme e impeça a saída de ar. Nos intervalos entre as moeduras, o alambique é levado para o ribeirão e ficava dentro da água amarrado com arrame e só era retirado quando chegava a época de moer de novamente. Esse procedimento era usado para evitar que a madeira fosse furada pelas brocas, isto é, cascudos que furam madeiras. Agora, quando o alambique é feito de cobre não precisa mais destes cuidados, pois já vem colado com solda.

Mas para fazer a **cachaça** sempre precisa de água. No início a água era carregada do córrego, nas costas, com latas de 20 litros, porque não tinha bujão nessa época, nem na segunda geração do engenho. Para **estilar** o caldo da cana deve permanecer por 24 horas dentro do cocho fermentando, depois é levado para o alambique onde tem duração de três horas para estilar. Quando a cachaça começa a correr seu cheiro exala e quando vai caindo dentro do pote ou tambor de plástico, de 20 litros, é como um rosário, pois vai criando umas bolinhas até fechar. Se não criar estas bolinhas, não é pinga, é água, eu sei pela experiência de serviço e o que também diferencia uma da outra é o barulho; a pancada da pinga é seca, a do caxixi é uma pancada de água como por exemplo uma torneira aberta.

Quando termina de ser feita a pinga é retirada do pote cheio e colocada em outro pote para correr o caxixi, aí o fogo embaixo do alambique vai terminar o processo, depois disso a pinga é guardada e só no outro dia é que se coloca a garapa azeda no alambique e mistura o caxixi, o que faz aumentar a pinga, uma vez que ele também contém um pouco de álcool. Na época do senhor Luiz a cachaça corria no pote de barro e ele colocava uma esteira, feita do olho da palha de coco babaçu, amarrada do lado do pote para evitar o vento na cachaça, hoje a cachaça corre para um tambor de plástico de 20 litros sem nenhuma proteção contra o vento.

A Siripintina é uma caixa de 500 litros que fica cheia de água fria com canos de cobre que têm cinco volta. O Alambique tem um cano que fica ligado a siripintina e quando bota fogo no alambique, ferve a garapa azeda e sobe o suspiro no cano indo para a siripintina, quente, na primeira volta, mas quando chega na última volta, está fria e a pinga sai lá embaixo, ou seja, a cachaça corre no boião. Essas voltas servem para esfriar a cachaça, também faz embebedar, se for consumida sem moderação.

A siripintina é necessário porque se não tiver não sai a pinga, mas na hora que está fazendo a cachaça a água fica bem quente a ponto de queimar, ela esquenta porque a cachaça que corre quente dentro dos canos, então a água serve para esfriar a cachaça. A troca da água é feita a cada oito dias, porque ela esquenta e pega um mau cheiro, fazendo com que a pinga saia quente, e, se sair quente, não será pinga, pois será apenas água, porque o álcool vai embora com o vapor. Por isso a siripintina tem que estar sempre com água fria.

Figura 13 - Serpentina cheia de água e o pote de barro onde caia a pinga



Fonte: Arquivo pessoal da autora

2.4- Do Engenho de Santa Helena, ainda resta dizer...

O engenho do Povoado de Santa Helena é um patrimônio familiar, foi teve início nos anos de 1953 com a chegada dos primeiros habitantes daquele lugar. Nesse ambiente, o trabalho era feito de forma manual que envolvia uma sabedoria natural, que foi passada às gerações para desenvolver seus produtos, e que, a cada dia, foi se aperfeiçoando com o objetivo de aprimorar, cada vez mais. Porém, sem deixar sua essência de lado, sempre atendia ao povoado Santa Helena por meio de visitas e dos seus produtos naturais.

É certo que suas tecnologias foram modificadas com o passar do tempo, mas o trabalho continuou o mesmo, de maneira que hoje, o engenho tornou-se um patrimônio cultural do povoado Santa Helena e, com suas riquezas, tanto com os materiais manuseados quanto na forma de fazer os seus produtos, exigindo apenas a sabedoria natural. A diferença entre o engenho de Santa Helena, descendente do primeiro exemplar, do Pimental e o Engenho mais moderno do povoado Broco é, justamente, a tecnologias aplicadas.

Enquanto o engenho de Santa Helena é movido a boi; o alambique não tem relógio de temperatura; a Siripintina é uma caixa de cimento de 500 litros de água com cano de cobre com cinco voltas, que é trocada a cada oito dias; não tem termômetro para medir o teor do açúcar e a quantidade de álcool na cachaça, e, também não tem água encanada.

Já Engenho do povoado Broco, engenho do senhor Osmar, é movido a motor; tem termômetro para medir a quantidade de álcool e o teor de açúcar; a siripintina é feita de cobre e cabe 120 litros de água que trocada toda vez que estila; tem relógio no alambique e água encanada. Apesar da modernização, ele já existia desde 1963, quando o pai do senhor Osmar comprou o terreno, o engenho já existia e continua ativo e em funcionamento até os dias de hoje.

Neste sentido, vale ressaltar que o engenho é cultura por ser um ofício de tradição que já foi usado por muitos anos, pelos senhores donos de grandes fazendas açucareiras nos séculos passados e ainda resiste até hoje. Historicamente, os trabalhos nos engenhos sempre foram pesados e braçais, por isso só os homens, geralmente, homens negros robustos e treinados, conseguem manusear. No engenho de Santa Helena também foi assim, e continua tendo como referência o homem negro e forte, por isso o primeiro nome do povoado foi de Tucum dos pretos.

Revisitando a história do engenho no Brasil e a história específica do engenho de Santa Helena, nosso objetivo de estudo, vemos muita semelhança, tanto na forma de ser um agrupamento familiar, como em suas práticas e saberes na organização do trabalho coletivo, supomos que, provavelmente, os mais antigos daquela família vieram de outros lugares e ali se assentaram. Não investigamos se eram descendentes de algum quilombo, mas a formação do lugar e as características das pessoas, como a negritude e a forma de organização familiar e de trabalho coletivo, deixa esta hipótese que desperta curiosidade.

Vale dizer que, independentemente de qualquer ancestralidade, o Engenho de Santa Helena é um local que sempre recebeu visitas de pessoas de todas as idades, algumas para conhecer o engenho e suas engrenagens; outras para degustar seus produtos, apreciando, assim, cada detalhe de sua riqueza. Tudo isso colabora com a educação formal do povoado Santa Helena, pois as crianças da Escola local têm a oportunidade de conhecer e aprender sobre o trabalho desenvolvido¹³.

¹³ Vale destacar nosso Trabalho publicado nos Anais do V Colóquio Internacional da Afirse e XI Colóquio Nacional da Afirse seção brasileira em 2023. Disponível em:

4. CAPÍTULO III - IMAGENS DA MEMÓRIA: LEMBRANÇAS, LUGARES E NARRATIVAS.

De acordo com Le Goff (2003), a construção das memórias constitui importante função social, na medida em que reproduz informações mesmo ante a ausência de dados escritos, baseando-se no estudo de objetos que marcaram o seu acontecimento. O que quer dizer que sem memória não existe sociedade, ela é construída a partir das informações que são absorvidas, servindo para construir sua identidade por isso elas são fundamentais para a sociedade.

Podemos afirmar que a memória ativa é uma fonte de informações com valor inestimável, que são importantes para a formação de fatos históricos quando uma pessoa narra um fato ao mesmo tempo ela conta uma história. Conforme Le Goff (2003, p. 424), existe uma distinção no estudo das memórias entre as culturas orais e culturas escritas, sendo a primeira predominantemente fundada na existência das etnias ou das famílias, ou seja, dos dados de origem.

Desta forma, as memórias culturais e orais precisam ser escritas para preservar o conhecimento e a sua existência, oferecendo a oportunidade para que outras pessoas tenham acesso. Le Goff, continua dizendo que é importante a busca por registrar os acontecimentos mais relevantes da vida em sociedade, sem deixar muitas margens à divagação, produzindo uma constatação mais precisa no registro da História, armazenando uma maior quantidade de informações, por tempo considerável. (2003, p. 424).

Ao fazer registro dos acontecimentos estamos constando informações, e armazenando uma maior quantidade possível de história de um povo, de um lugar, de uma sociedade. A memória, na qual cresce a História, que, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 2003). A principal forma para salvar o passado é o registro, o qual pode ser escrito, áudios, imagens etc., mas, sendo sempre possível o acesso para todos. Assim, a memória serve ao presente e preserva o futuro com suas informações, possibilitando que outras pessoas conheçam também a história e encontre nela identidade.

O conceito de identidade em um contexto de construção social, foi definido por Castells (2000) como a fonte de significado e experiência de um povo, pois, como afirma a autora: “[...]. Toda e qualquer identidade construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece” (p. 22-23). Ou seja, a identidade é construída a partir do entendimento de o quê, quem somos e o que fazemos. Para Le Goff (1998, p. 5), é dentro destes contextos que consolidamos a nossa memória. A memória coletiva como um mecanismo de manipulação que deve ser ora lembrada, ora esquecida, o que nos permite refazer, reforçar ou até mesmo extinguir identidades sociais, dependendo unicamente do interesse de quem detém o poder.

Na história do povoado Santa Helena vemos claramente a forma dos poderes políticos intervindo e conduzindo acontecimentos para que eles sejam marcas identitárias do lugar. O desenvolvimento de um lugar se dá, não só pelo trabalho das pessoas individualmente, mas por ações governamentais que vão mudando os contextos e modificando o ritmo das mudanças sociais. As mudanças, no entanto, fazem parte da história de um lugar e deixam marcas na memória coletiva.

Antes, porém é preciso situar que o povoado Santa Helena faz parte do território da cidade de Nazaré, cidade do extremo Norte do Estado do Tocantins, a qual, segundo o censo do IBGE (2022) tinha uma população de 4.725 habitantes na cidade. O povoado Santa Helena é localizado ao lado das margens da BR153 que liga o extremo Norte do Estado ao Norte do Brasil permitindo acesso à várias cidades do Estado e, segundo o censo do IBGE, atualmente residem cerca de 350 pessoas no povoado.

Após esta breve contextualização, vamos trazer a história do povoado Santa Helena, como uma história construída por muitas mãos, por muitas ações e por muitos reflexos da modernização inevitável. As lembranças dos acontecimentos estão vivas na memória de muitos moradores do lugar. Elas guardam a história do lugar e de seus bens patrimoniais. Por isso, vamos começar contando a história daquele lugar que abriga um velho engenho de moer cana, depois vemos apresentar as memórias de moradores, através de suas narrativas sobre o velho engenho.

4.1- De Tucum à Santa Helena: História e desenvolvimento.

Quem nos relatou a história de Santa Helena foi o senhor Sebastião Pereira da Silva, um antigo morador. Ele nos contou que o povoado Santa Helena surgiu como um centro de roça, na época chamado por Tucum dos Batatas, porque é um sobrenome de um dos fundadores de Santa Helena, era os senhores Zé Pequeno, Antônio Pereira, Joaquim dos Reis, eles gostaram da terra e foram abrindo o terreno. Logo depois chegou o senhor Zé Santana. Por ser uma terra boa, logo começaram a chegar mais pessoas para morar, e cada um ia fazendo sua plantação de legumes, com isso o povoado foi crescendo, e os moradores foram cercando, cada um, seu pedaço de terra, alguns moraram naquele lugar a vida toda, outros se mudaram.

Era meado da década de 1950 e, naquela época, tudo era muito difícil. Tinham que fazer compra em Boa Vista (hoje Tocantinópolis), compravam tudo o que não produziam, como: sal, soda, querosene, remédio etc. Quem tinha condição financeira comprava “no grosso”, ou seja, com pagamento à vista, e iam mais vezes. Quem não tinha dinheiro comprava com prazo de ano para efetuar o pagamento. Quando iam pagar suas contas já levavam seus produtos para vender, como: farinha, feijão, algodão, fava etc. e, assim, transformavam seus produtos em dinheiro e pagavam suas contas. Para levar esses produtos, todos iam montados em animais (cavalos, burros ou jumentos) e passavam dois a três dias para chegar na cidade de Tocantinópolis.

No tocante à **saúde**, ainda era pior. Quando alguém ficava doente tinha que ir de animais ou a pé comprar os remédios com um farmacêutico e doutor, chamado Raimundo Neiva que residia no povoado Piaçava, não muito longe. Quando o doente precisava ir fazer uma consulta médica, era transportado em uma rede para a cidade. Os carregadores primeiro levavam para o povoado Broco e descansavam, depois seguiam para o povoado Angico e, só então, conseguiam fretar um carro ou pegar uma condução para levar o doente para a cidade de Araguaína ou para Tocantinópolis. Com o passar dos anos as coisas foram se modernizando e já não precisava mais transportar os doentes em redes, embora ainda difícil, mas já era possível encontrar alguém que tivesse carro. Às vezes, a forma mais rápida era através de animais ou mesmo a pé.

O tempo foi passando e as formas de locomoção foram mudando, na medida em que pessoas no povoado passaram a ter seus próprios veículos, que fretavam

para atender às necessidades da população. Já não era preciso ir tão longe para encontrar um posto de saúde ou um médico, pois nos povoados maiores foram sendo instalados postos de saúde que, mensalmente, recebiam a visita de médicos e sua equipe. Porém o Posto de Saúde do povoado Santa Helena só foi construído em 2013, trazendo tranquilidade para população que, dependendo do caso, já não precisava mais se deslocar para a cidade de Nazaré ou outros lugares. Hoje o médico vem até o povoado e no início trazia os remédios para atender as necessidades da população.

Figura 14 - Posto de Saúde antigo e novo



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A primeira **Igreja** do povoado Tucum foi construída aproveitando a tradição da família do senhor José Piau, pai do Sebastião, que realizava a festa do Divino Espírito Santo e, por isso construiu uma Capela dentro do povoado para festejar o Divino no ano de 1970. A Capela ficava sempre aberta e, por alguns dias, abrigou até a escola. Nesta Capela, feita de palha de coco babaçu, a comunidade começou a rezar a novena de Santo Antônio, e só depois foi que fizeram a Igreja de Santo Antônio, ainda na década de 1970, também coberta de palha de coco babaçu, com as paredes de barro (taipa). Depois de alguns anos foi trocada a cobertura de palha por telhas de cimento, e mais algum tempo as paredes de barro foram substituídas por paredes de tijolos.

Atualmente a Igreja de Santo Antônio está passando por uma reforma, ou seja, sendo reconstruída no mesmo lugar. A igreja Santo Antônio tem esse nome em homenagem a um antigo morador do Tucum que se chamava Antônio, e o primeiro Sacerdote a dar assistência à Igreja foi o Padre Bruno Rafa, que passou um longo período na paróquia de Nazaré.

Figura 15 - Igreja de Santo Antônio

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No contexto **da educação**, durante muito tempo o povoado permaneceu com um sistema de escola tradicional, particular e que funcionava através do “agrado” que o professor recebia dos pais. O primeiro professor a ministrar aulas neste formato, se chamava João Perninha. O agrado que ele recebia era em forma de dinheiro e destinava-se ao pagamento de suas despesas, pois já que não havia uma escola fixa, o professor dava aulas ambulantes, ou seja, ia de casa em casa, ministrando aulas a cada aluno matriculado. Depois de um período, o senhor Antônio Barreira cedeu um espaço de sua casa e as aulas passaram a serem ministradas em um lugar fixo.

As primeiras escolas foram construídas entre os anos de 1982 e 1987. A primeira, se chamava ranchão, porque era feita toda de palha de coco babaçu, no povoado Olho D’Água, nas terras do senhor Pedro Madeira; a segunda escola foi feita no povoado Santa Rita e, logo após, em Santa Helena (Tucum), na gestão do Prefeito José Tavares, conhecido por Manã. Nesta época, cada aluno levava seu banco para a escola e a primeira professora da escola pública se chamava Terezinha. A escola de Santa Helena recebeu o nome de Escola Santo Antônio porque já tinha uma Igreja Católica cujo santo padroeiro era Santo Antônio. Nesse período as primeiras professoras a trabalharem na escola foram: Dona Maria, dona Vanessa e dona Mariquinha e o primeiro Diretor da Escola Santo Antônio foi o senhor Nicanor José de Macedo, no ano de 1993.

Infelizmente, devido a vários fatores visualizados pela políticas de educação do município, incluindo a diminuição significativa de alunos matriculados, o que encarecia a manutenção, a Escola foi desativada no ano de 2025. Assim, as problematizações

referentes a inserção dos saberes do engenho de Santa Helena no currículo da escolar, ou mesmo uma interface entre os conhecimentos livrescos e a história do engenho daquele lugar, ficam como provocações temáticas de estudos futuros.

Figura 16 - Escola Municipal Santo Antônio



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em 1997 foi instalado o primeiro **telefone público**, era o famoso **orelhão**, instrumento de comunicação útil e popular naqueles tempos. Foi instalado na calçada da casa do senhor Lucas e naquele ano o prefeito era o senhor Lourival Torres. A instalação de um orelhão não era tão simples e demandava gastos significativos para a prefeitura, porém, havia, no povoado Tucum, um senhor muito comprometido com a política e já tinha sido suplente de vereador por quatro meses e buscava sempre melhorias para o município.

Este era o senhor Joaquim, que acompanhou as negociações da empresa de telefonia junto à Prefeitura, assim como as outras providências para a instalação da torre de transmissão. O terreno onde a torre foi instalada foi comprado do senhor Basílio e senhora Edite, depois vieram a limpeza do terreno, feita por uma enchedeira da prefeitura e só depois o orelhão foi instalado. Tudo isso foi muito importante e necessário para os moradores do povoado, pois o orelhão mais perto ficava no Povoado Brejinho, de modo que, quando alguém precisava fazer uma ligação, seja para uma emergência ou não, era preciso ir até o povoado Brejinho, que, embora fique distante, cerca de uns 20Km, era mais o perto, para realizar uma ligação.

Como em qualquer outro lugar, o **futebol** também marcou a história do povoado Santa Helena. O primeiro **campo de futebol** foi feito onde hoje é a casa do senhor Nonato, indo até a casa do senhor Pedro Marinheiro, e era só de areia. O segundo campo foi feito em duas etapas e ficava onde hoje foi construída a quadra de esportes. É importante lembrar que os dois campos de futebol foram feitos pelos homens do Tucum com serviços braçais, cujas limpezas dos terrenos foram feitas à facões e foices pelos próprios jogadores, pois eles queriam jogar bola e como não tinham um campo apropriado, logo tiveram a ideia de fazê-lo.

No segundo campo foi plantado algumas gramas por alguns jogadores como: Pedro, Joaquim, Zé, Mariano, mas não chegou a ser todo gramado só uma parte. Depois de alguns anos uma estrada foi construída passando dentro do campo. Esta rodagem também foi construída manualmente na gestão do senhor prefeito José Tavares Ribeiro, conhecido por senhor Manã. Essa rodagem ligava vários municípios, mas causava transtorno quando tinha jogo porque era a única estrada, de modo que, enquanto o jogo acontecia, as pessoas continuavam a passar pelo meio do campo e isso atrapalhava tanto os jogadores quanto os transeuntes, além de ser até perigoso.

Na época em que o segundo campo foi feito quase não tinha veículos transitando pela rodovia que cortava o campo, logo isso não atrapalhava os jogos, mas com o passar do tempo, a população foi aumentando e os meios de transportes também. Pior ainda foi quando chegou a energia e a rede ficava muito perto da trave, então quando a bola tocava na rede elétrica, saia faíscas de fogo. Esse foi, o motivo detonador para que outro campo fosse feito em outro espaço.

Essa situação perdurou até o final dos anos 90, mas, graças a uma intensa cobrança da população, foi construída uma quadra para a juventude neste lugar, onde era o campo, porém ficando a mesma de um lado da estrada, em um lugar bem central do povoado. O terceiro campo foi construído na gestão da Prefeita Senhora Rosely Borges de Araújo, que, juntamente com o representante do povoado, senhor Joaquim José de Macedo, compraram um terreno e construíram um novo campo de futebol. Tudo isso aconteceu entre os anos de 2001 e 2008. A quadra recebeu o nome de José Luiz de Macedo, em homenagem, pelo fato deste ter sido sempre um grande amante do esporte. A quadra reside no mesmo lugar até os dias de hoje.

Figura 17 - Campo e quadra poliesportiva



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A água e a energia chegaram nos anos 1993 a 1996, na gestão da então prefeita senhora Maria de Lurdes e tendo como governador do Estado, na época o senhor Moisés Avelino. A água chegou primeiro, mas as pessoas tinham que ir buscar em um poço artesiano, com baldes ou botijões, pois, como não tinha energia, o poço era movimentado a motor, o qual era ligado pelo funcionário, Advan Carneiro Santo Sousa, encarregado de ligar a bomba pela manhã e à tarde para as pessoas abastecerem suas casas. Após alguns anos chegou energia e então foi feita a encanação da água para as residências.

Outras coisas que fazem parte do patrimônio e da memória do povoado Santa Helena que consideramos importante destacar são: 1) **O nome de uma rua** em homenagem ao senhor Luiz José de Macedo, um dos primeiros moradores a chegar naquele lugar e a construir o um engenho de destilação de cana; 2) **Dois praças** construídas para o bem-estar da população, o lazer com amigos e familiares. A primeira foi construída nos anos de 2012 e 2013, na gestão do Prefeito Cleiton Paulo, em frente à Igreja Santo Antônio e é uma homenagem à sra. Maria de Fatima Pereira Costa; A outra, chamada “Praça das Mangueiras”, construída em 2018, na gestão da então prefeita Maria Elvira Chagas de Araújo e do vereador Ideglanes, representante local na câmara dos vereadores.

Figura 18 - Praças públicas para lazer

Fonte: Arquivo pessoal da autora

No povoado tinha também um **Salão de festas**, cujo proprietário era o senhor Lucas. Era coberto de palha e as paredes feitas de taipa. Era iluminado com um lampião à querosene que tinha quatro bicos, ou seja, uma lata de soda com quatro pavios de algodão. Essas precárias condições não importavam, o que era mais importante era a diversão, as danças nos vesperais e as músicas tocadas a sanfonas e pandeiros, envolviam a todas as pessoas nos finais de semana.

A troca do nome de Tucum para Santa Helena foi uma ideia do senhor Joaquim José de Macedo, morador e representante do município de Tucum, que, cansado de ver o lugar ser discriminado protagonizou todo um movimento para que ocorresse a mudança. O povoado Tucum recebia codinomes pejorativos como “Tucum dos pretos”, “Tucum de negro valente”. Por ter sido formado por uma população, em sua maioria, descendentes de negros, eram, portanto, explícitas duas discriminações: a valentia e a negritude dirigidas a quase todos os moradores do lugar.

Diante disso, o senhor Joaquim levou o caso junto à Câmara dos vereadores da época, de onde veio a ideia de realizarem um abaixo-assinado. Para isso foi proposto três nomes: Santa Helena, Santo Antônio e a permanência do nome Tucum. O processo se deu de forma bem-organizada e o abaixo-assinado foi levado para votação da população do Tucum. Feito isso, o nome de Santa Helena foi o mais votado, recebeu 148 assinaturas em seu favor. A forma da votação foi nas ruas do povoado, nas casas com pessoas com idade maior de 18 anos. Essa votação foi feita entre os anos de 1993 e 1994 e os arquivos deste acontecimento se encontram na câmara municipal de Nazaré.

Esse contexto da mudança do nome de Tucum para Santa Helena, devido aos apelidos pejorativos dirigidos ao lugar e aos moradores, novamente nos faz pensar se as primeiras pessoas que ali chegaram tinham descendência quilombola, pois nas narrativas dos participantes colhidas essa questão jamais foi mencionada. Vale lembrar que, segundo o senhor Sebastião Pereira da Silva, os primeiros moradores que chegaram e se alojaram naquele lugar vieram do Estado do Piauí com suas famílias em busca de melhores condições de vida. Nos relatos não encontramos nenhuma referência a quilombo e não aprofundamos essa questão por não ser nosso objeto neste trabalho.

No contexto político, Santa Helena buscou logo ter seis representantes, sendo que o primeiro vereador foi o senhor João Ribeiro, de 1976 a 1982, pois na época o mandato de um vereador era de seis anos. Depois do senhor João Ribeiro, que foi eleito por mais de um mandato, demorou para que tivesse outros vereadores do povoado, de maneira que os próximos representantes foram: Luiz Sharles (2010 a 2014); Ideglanes (2017 a 2024) e Carlos (2013 a 2016) e Ronária (2021 a 2024), Antônio Rosely e Lucas foram feitos como vereadores suplentes.

Após conhecermos um pouco da história do desenvolvimento do povoado Santa Helena, vamos apresentar histórias narradas por alguns moradores antigos. Cabendo destacar que os **moradores mais velhos**, que ainda vivem no povoado, são: A senhora Ilda¹⁴ Gomes da Silva com 103 anos; o senhor Francisco (Chiquim), com 97 anos; o senhor João Ribeiro, com 92 anos, este foi vereador nos anos de 1976 a 1982 e foi, até os dias atuais, o vereador mais bem votado para a Câmara Municipal de Nazaré; senhora Edite e senhor Antônio, ambos com 86 anos e o senhor Raimundo José com 85 anos. Este ainda continua a trabalhar na lavoura e todos eles têm muitas histórias guardadas em suas lembranças.

Gagnebin (1997) diz que as narrativas produzidas pela história oral incluem-se entre as narrativas históricas, que se distinguem das narrativas épicas, que são lendárias, atemporais. Ou seja, as narrativas históricas referem-se a “um tempo pesquisado, com referências cronológicas possíveis de serem encontradas, que trata do tempo mais recente do homem” (p.19). As narrativas orais são importantes, pois elas contam histórias que foram vivenciadas por pessoas e que estavam mantidas em

¹⁴ Vale destacar que a senhora Ilda é a Avó desta pesquisadora.

suas memórias, por isso precisam ser evidenciadas, pois trazem, conhecimentos e experiências que marcam a identidade de um povo e lugar.

4.2 - Imagens da Memória: As lembranças que o tempo não apagam.

A história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. Dessa forma, “a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas que não retornam mais” (Grossi e Ferreira, 2001, p. 30). A história oral é uma fonte de conhecimento baseada em fato ou imaginação, coletando dados e que desperta no ouvinte a curiosidade pela história narrada.

A História Oral tem sido concebida dentro do grupo, do qual fazemos parte, como uma metodologia de pesquisa no sentido amplo, uma vez que entendemos metodologia tal qual Garnica (2015, p. 38). A história oral é uma fonte de pesquisa, que vem sendo usada com frequência por pesquisadores, devido a sua capacidade de complementar e enriquecer a pesquisa história e tradicional, fornecendo informação que, muitas vezes, não são em documentos escritos.

Através de narrativas orais, vamos trazer à tona, neste item, as imagens que ficaram na memória de algumas pessoas que tiveram a oportunidade de conviver, desde a infância, com o Engenho de Santa Helena. Para estas pessoas aquele aparato era uma forma de encontro, muito mais que um instrumento de trabalho e um ganha pão. As narrativas recolhidas, não foram no formato de entrevistas com perguntas e respostas, simplesmente foi pedido aos participantes que falassem sobre o engenho e eles falaram espontaneamente.

O primeiro a nos contar a sua história foi o senhor Osmar de Bandeira Morais. Atualmente ele tem 64 anos e mora no povoado desde 1963. Seu relato foi voltado para o trabalho no Engenho. Ele nos contou que:

- Quando comecei a trabalhar no engenho eu era criança ao lado do meu pai tocando boi, depois passei um período de 10 anos sem trabalhar no engenho, pois fui trabalhar em uma fazenda. Mas quando entrava o verão sentia vontade de chorar. Era muita saudade, uma paixão que eu tinha por meu trabalho no engenho. Meu pai faleceu em 2007 e eu continuei no engenho. Hoje trabalho com meu irmão Iomar, somos sócios.
- Eu já trabalhei com engenho de madeira movido a boi. Meu pai começou fazendo só rapadura e só depois de algum tempo começamos a fazer cachaça, a partir dos anos

de 1980.

- O alambique de cobre fica dentro da fornalha onde coloca a garapa para estilar, nela tem dois relógios para medir a temperatura do calor, pois os mesmos têm que ficar com a mesma temperatura de 90° graus e não pode baixar para menos porque a cachaça não fica boa a siripintina é feita de zinco.

Senhor Osmar nos contou que o tempo para estilar um cocho é mais rápido, durando, no máximo uma hora, e a diferença do engenho velho para o novo é que este é bem mais rápido para moer a cana. De maneira que, aquilo que demorava para ser feito em três ou quatro horas antigamente, hoje é feito em meia hora, pois o motor do engenho novo é movido a óleo diesel, o que facilita o trabalho. Porém, do engenho antigo, ele disse que tem só saudade.

Ele também ressaltou que, o trabalho para estilar ficou mais fácil, pois hoje tem água encanada para a *siripintina*¹⁵ e capacete do alambique, ou seja, para todos os serviços. Antes carregavam em baldes na cabaça. A Serpentina - *Siripintina*, como pronuncia o Sr. Osmar e os demais usuários - tem sete voltas e ela serve para a cachaça venha de forma mais lenta, ou seja, precisa de um tempo maior para estilar e esfriar. Sobre o Alambique e sua função ele descreve o seguinte:

- Tem os dois relógios no alambique que medem a temperatura do calor quando vai fazer a cachaça. No começo eu ficava o tempo todo de olho no relógio, mas hoje eu já me acostumei, tenho experiência e não fico o tempo todo no pé, pois comprei dois termômetros: um para medir o teor álcool e outro para medir o teor do açúcar da cana.

- O ponto ideal da garapa é de 13° ou 14° grau de açúcar, mas quando dá por exemplo 19° ela está muito doce, então eu boto um pouco de água na hora que tô moendo para deixar mais fraca e vou medindo com o termômetro até ficar no ponto ideal e, assim, ela cai em 24 horas e na cachaça sempre deixo de 45% de álcool na cachaça pronta.

O Senhor Osmar conta que, embora tenha um banco para botar as canas para moer no velho engenho, desde 2018, passou a usar o engenho moderno, porque sentia que estava ficando velho e com dificuldade para amansar os bois usados para fazer girar o engenho velho. Além disso, com um engenho a motor, não vai mais judiar com os animais. Esse é um dos motivos da troca de engenho, pois não quer parar com o trabalho, porque é a sua paixão e, por meio desse trabalho no engenho

¹⁵ A palavra correta é serpentina. A Serpentina é um dispositivo utilizado na indústria para controlar a temperatura de líquidos contidos em tanques de aço inox. As serpentinas têm a capacidade de regular a temperatura dos líquidos contidos nos tanques, que é essencial para garantir a qualidade dos produtos finais e manter a segurança nos processos industriais.

consegue tirar parte da renda para o sustento da família, pois o povo é apaixonado pelos produtos naturais, de maneira que atualmente não dão conta das encomendas.

Ele contou também que quando comprou o engenho novo, seu menino (seu filho) lhe deu um DVD e um livro onde tinha um passo a passo com as instruções de uso, mesmo assim, apanhou demais quando começou a mexer com esse engenho moderno, de maneira que muita garapa foi desperdiçada, mas estudava no livro e assistia ao DVD que tinha todas as informações, inclusive a recomendação de que não podia mexer no engenho usando nada de prata e nem de ouro e o que faz o pé do cocho perder é a temperatura, pois quando está muito quente não fermenta a carpa azeda.

- Para fazer o pé do cocho eu faço com milho e xerenho *de arroz*. *É quando você leva o arroz para limpar na usina e ela faz uma seleção do arroz bom, do cuim, que é palha do arroz e o xerenho, que é um arroz bem quebrado, porque é mais resistente e forte.*

- No dia de fazer rapadura sempre levanto cedo porque aumenta a produção, sempre uso três tachos. A rapadura e o tijolo são enrolados com palhas de sororoca, porque mostra que o produto é natural, de qualidade e ficam conservados com sua temperatura ambiente. Também faço açúcar só para meu consumo.

- A água da siripintina tem 120 litros de água, eu faço a troca toda vez que estila um cocho. A Garapa azeda velha chama de *tiborna* é a *garapa que foi colocada dentro do alambique para fazer cachaça*.

Sobre os **Cochos**, o Senhor Osmar explica que eram de madeira, mas que passaram a usar de cimento e só depois passaram a usar o tambor, o que tornou bem mais fácil, porque consegue levar para qualquer lugar e dura muito mais tempo. Cada cocho dá em média 20 litros de cachaça, mas tudo depende da cana. Hoje o Alambique tem dois relógios, que medem a temperatura do calor quando vai fazer cachaça, tem água encanada para a Siripintina e o capacete do alambique

- Antes, a cana era carregada em um jumento ou boi, mas hoje é carregada de carro, na carrocinha. Assim, o Engenho, para mim, representa a minha vida, meu pai me criou foi mexendo com o engenho, hoje eu mexo para segurar o que meu pai fez por nós, através do engenho.

O senhor Wanderley falou dos **jogos de amigos**. Ele conta que os jogos iniciaram em 2008 e nessa época não se chama jogo de amigos, era jogo de saia. Era muito interessante e a comunidade toda participava. Ele conta que:

- A primeira edição dos jogos aconteceu em 2009, era muito divertido e trouxe muito humor, e de parar tem sido feito frequentemente e foi tomando grandes proporções e a cada fim de ano a gente sempre tem a ambição de melhorar de fazer algo maior, inovar.

A importância dos **jogos dos amigos** e que os amigos passam, alguns convivem outros passam ano sem se ver e é nessa data de fim de ano onde geralmente as famílias se encontram, amigos e os conhecidos se encontram. Senhor Wanderly conta que criaram esse evento para ter uma confraternização entre todos, até porque se não existisse o jogo dos amigos as festas de fim de ano seriam só entre famílias e, também existe entre famílias, mas os jogos dos amigos vieram para quebrar regras, no caso, ele junta as famílias.

- É um jogo muito aguardado no início era mais pessoas do povoados de Santa Helena e a partir de certo tempo foi inovando foi trazendo amigos de fora também de Luzinópolis, Brejinho e de outros povoados e até de outras cidades e sempre deu certo, sempre foi uma brincadeira saudável nunca deu confusão, sempre houve uma grande disputa dentro de campo e a gente passou bastante anos fazendo dois jogos, sempre fazia um jogo mais ou menos pelos dias 23 e 24 e um final onde tinha a festa nos dias 29 e 30 por aí, e esse ano a gente vai para a 14ª edição.

- A gente sempre costuma fazer **uma festa onde** a gente estipula um valor x para o casal e solteiro e junta o dinheiro e paga a banda, compra carne, bebida. As vezes a gente recebe patrocínio e é isso foi criado fundado por quatro irmãos; Wanderly, Darly, Luiz Charles e Edmar só que o interessante desse jogo que não é eu com meu irmão que tem um time com o Edmar e o Darly com Luiz Charly e assim sempre deu certo; sempre foi uma brincadeira saudável e sempre trouxe um atrativo. Sempre foi uma que o povo aguarda.

Senhor Wanderly diz que, na verdade, hoje os jogos já não são mais só uma brincadeira, hoje já viraram uma tradição que está sendo inovada, pois estão colocando as crianças para participarem, para que elas não deixem a tradição acabar, já que futuramente os mais velhos já não vão participar, da forma que desejam, então outros vai tocar o barco para frente, já são 14 anos de tradição eu acredito que daqui uns 30 anos ela vai permanecer a tendência é só crescer mais e mais é um jogo muito importante para a gente não só pelo jogo em si mais pela amizade, confraternização entre amigos, alguns dão mais importância para o jogo outros para a festa a noite e outros da importância para ambas as partes é algo muito esperado.

- Jogamos até 2018, pois de 2019 a 2022 os jogos foram realizados fora de Santa Helena, três na cidade Luzinópolis e um jogo no povoado de Piaçava. O motivo de ter ido para outros lugares foi porque o campo estava impróprio para o uso e no ano de 2023 foi feita uma reforma e reinaugurado e homenageado com o nome dos componentes do jogo dos amigos, o senhor Renato Gomes da Silva.

O senhor **Joaquim José de Macedo** nos relatou sobre o **Mercado Municipal e Açougue** do Povoado Santa Helena. Ele contou que o **Mercado** foi construído na gestão da então Prefeita, Maria de Lourdes N. da Conceição, da cidade de Nazaré-TO em 19/12/1993, o qual teve como finalidade ser um local de comércio de carne.

- A importância dele é que, de primeiro, quando a gente cortava carne aqui, era em barraca de palha ou debaixo de um pé de manga, em cima de um cepo de madeira. Na época não tinha sacola a carne era amarrada em corda feita de palha de bananeira ou barbante e com um machado ou um facão grande para ir cortando os ossos. Ai a Prefeita Maria de Lourdes N. da Conceição trouxe ele na época para ficar um lugar mais limpo.

Figura 19 - Mercado Municipal de 1993



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O mercado foi entregue só a estrutura por isso continuaram a cortar carne em cima do cepo, pois só depois foi que o açougueiro comprou as ferramentas e todos os equipamentos necessários para o trabalho.

O primeiro cortador de carne foi o Antônio Pereira (Antônio Felícia), que trabalhou no mercado na época, quem construiu foi o Paulo de Nazaré se hospedou na casa do senhor Pedro Marinheiro e fez o mercado para a população depois teve vários cortadores como, Aldenor José de Macedo, dentre outros. Para trabalhar no

local falava com o representante senhor Joaquim José de Macedo ou o atual gestor do momento. Quem pagava água e luz era quem estava trabalhando no local. Mesmo com esse mercado continuou cortando carne em cima de um toco, a carne era amarrada com barbante ou cordão feito de palha bananeira....

Na época do mercado não saiu só o de Santa Helena, foram vários, pois faziam parte de um projeto da prefeitura, por isso foi construído um também nos povoados Piaçava e Mata Grande. Todos na gestão de Maria de Lourdes N. Conceição, o da Piaçava era onde é o postinho de saúde hoje.

O senhor Joaquim José de Macedo também nos relatou sobre a Usina de pilar arroz e o triturador de cereais. Ele conta que:

- No dia 13/11/1999 o prefeito Lourivaldo Torres de Araújo trouxe uma **usina de pilar arroz** e um **triturador** que moía coco babaçu e também tinha a função de fazer ração para gado ou outros animais no Povoada Santa Helena em favor de beneficiar a população com um recurso do Pronaf.

Segundo o Sr. Joaquim, na época, ajudou muito a população principalmente as mulheres, pois a fonte de renda das mulheres aqui sempre foi a quebra do coco babaçu, porque antes elas pisavam o coco babaçu no pilão e moer no moinho de mão, dependendo da quantidade as vezes passava uma manhã só para pisar e moer, mas com a chegada do triturador era uns 30 a 40 minutos dependendo da quantidade.

Esse benefício à população foi feito com recursos de um fundo perdido do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e, na época, tinha uma Associação de Pequeno Produtores de Santa Helena. Esse benefício saiu para vários povoados como: Brejinho, Piaçava, Vila Robertinho e a cidade de Nazaré. Cada usina tinha um responsável por ela, a de Santa Helena era o senhor Joaquim José de Macedo, por isso ele passava os períodos matutino e vespertino disponível para atender população. Dentre todas estas usinas só existe ainda a de Santa Helena, que permanece em ativa.

Figura 20 - Usina de beneficiar arroz e triturador de cereais



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A prefeitura passou um período fazendo a manutenção da usina, triturador e pagando a energia, mas ao longo dos anos a energia foi transferida para o nome do senhor Joaquim e o mesmo ficou responsável por essas diligências. Ele continua trabalhando na usina, com o atendimento ao público, mas no sistema particular e assumiu todas as despesas. Ele relata que, com a renda, conseguia fazer a manutenção das máquinas. Hoje não existe mais triturador público no povoado, só em domicílio, de modo que algumas pessoas do povoado conseguiram comprar e atender a população e cobrar uma taxa.

4.3- Identidade e Representação do Engenho em Narrativas Orais

Uma vida inteira de trabalho e dedicação ao Engenho das gerações envolvidas deixou marcas que caracterizam a suas identidades que se reflete em representações sobre a importância daquele artefato para cada pessoa e para o lugar, como uma espécie de memória histórica coletiva. De acordo com Halbwachs (1992), a memória histórica é entendida como o “passado vivido”, constituído pela sucessão de acontecimentos/momentos marcantes na vida do grupo, da nação, do país, e que possibilita a construção de uma narrativa sobre o passado.

A fala do senhor **Raimundo José Macedo Neto** é cheia de significados, de memórias e representações, pois toda a sua vida foi dedicada ao engenho, por isso ele diz que o engenho representa uma relíquia, lembranças fortes da sua infância ao lado de seu pai que começou uma geração dedicada ao engenho desde o tempo de seu avô Raimundo José de Macedo (Raimundão). Ele conta que:

A importância que ele tem na minha vida é porque sempre a foi fonte de renda para sustentar minha família, hoje paro no período do inverno forte, nesse período tira o alambique que é de madeira e leva para dentro de um ribeirão, e deixa bem amarrado para as brocas (cascudo) não furar, e só retira quando volta a trabalhar novamente. O retorno é no mês de abril, pois é um período que a cana está madura, está doce. Eu gosto de trabalhar no engenho porque é uma renda e aqui é tenho lembranças marcantes na minha vida que trabalhando ao lado do meu pai, a forma de fazer os produtos ainda é a mesma. O alambique hoje é de madeira, e quando vai estilar, coloca água em cima do capacete para não esquentar.

- O engenho hoje passando a 3ª geração é um orgulho para a mim e minha família por ser memória e cheias de lembranças lindas, aquele pote que onde cai a pinga cercado de esteira feita de olho de palha de coco babaçu era para o vento não atrapalhar a pinga cair no pote, uma cuia pequena de cabaça para quem bebe pinga, quando minha mãe e meu pai iam fazer tijolo, rapadura, eu, meus irmãos e primos pagávamos um cana torta para fazer alfenim e ficava puxando e brincado uns com os outros até eles ficarem prontos, éramos todos crianças.

- É um trabalho pesado, mais prazeroso cada parte desse lugar lembra meu vô, meu pai porque nasce e cresci vendo meu pai e vô trabalhando no engenho. Hoje meu pai, com três netos, ainda fazendo o mesmo trabalho, e as crianças, ainda bem pequenas, já participam das festinhas. No engenho sempre teve festa com os amigos e famílias onde comemos carnes assadas na fôrnalha, um molho feito de caldo de cana azedo com tomates, cebolas e pimentas. Não pode faltar a pinga, claro que é para poder e gostar.

A outra pessoa que também falou sobre o Engenho foi **Ilda Gomes dos santos**. Ela tem 38 anos e mora no Povoado Broco, desde 2004, em revelou que ela e sua família consomem todos os produtos fabricados no engenho do seu Osmar, menos a cachaça para as crianças. Ela também relata que conheceu o antigo engenho tocado a bois, hoje ele está moderno, mas a qualidade de seus produtos é a mesma, bem natural.

- O engenho é importante para mim, porque me faz lembrar do engenho do vô Luiz, no Pimental, na minha infância e juventude, com meus irmãos e primos. Lembro muito do meu vô moendo cana, estilando e, nos dias de fazer rapadura, tijolo e mel, era uma festa. Nós fazíamos muita puxa. Eu tenho muita saudade!

Ilda, sem exceção, tentou fazer uma classificação de seus produtos para definir qual é o mais gostoso, e chegou a um consenso de que todos estão em primeiro lugar, pois cada produto é escolhido em um momento para degustar com amigos ou sozinha.

- Mas também me sinto privilegiada por morar perto de um engenho que faz os mesmos produtos que meu avô fazia, ainda que ele hoje seja diferente em alguns aspectos, ou seja, moderno mediante do engenho do meu avô. Ele representa

saudades, lembranças, uma memória viva da sua vida quando criança, para o Fábio é só trabalho, fonte de renda, ambos os dois tem algo em comum em relação ao engenho, com os produtos e por morarem perto, podendo assim desfrutar de todos os produtos e de sua beleza.

Ilda é só uma consumidora, enquanto Fabio trabalha e consome os produtos e quando se fala em sabor é indiscutível para os dois, portanto, o engenho tem um valor imensurável para ambos.

Fábio Pereira de Castro, de 45 anos, narrou que sempre morou no Povoado Broco e, ali mesmo construiu sua família. Desde cedo já trabalhava na roça, roçando pastos e outros trabalhos. Começou a trabalhar no engenho velho, quando ainda era tocado a bois e já faz dez anos trabalhando no engenho do senhor Osmar. A maior diferença entre o velho e o novo engenho é notada quando se vai moer a cana, porque o mais novo é muito rápido. Seu trabalho é: cortar a cana, carregar o bagaço, ajudar a fazer rapadura, mel, tijolo, cachaça, ou seja, fazia de tudo um pouco.

Ele falou que o Engenho é importante para ele, porque é onde tira a maior parte da renda para sustentar a família, mas também relatou que gosta de trabalhar no engenho, mesmo sendo um trabalho pesado.

- Eu e minha família consumimos todos os produtos por ser natural e gostoso, menos a cachaça para as crianças. Para mim ter um engenho perto do meu povoado é um luxo, ainda que não seja tocado a bois, porque se trata de uma coisa rara hoje em dia. Quase não se ver mais engenho de cana de açúcar. Hoje só se ver na televisão as grandes usinas de cana de açúcar e aqui somos privilegiados.

Figura 21 - Cana em pé e cana em processo



Fonte: Arquivo pessoal da autora

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O engenho faz parte da minha vida. Eu nasci e cresci dentro do engenho. Quando era pequena ajudava meu avô e meu pai tocando os bois para moer as canas. Quando meu vô e meu pai, minha mãe e tio Zé, iam fazer rapaduras, tijolos, mel era uma festa para mim, meus irmãos e primos. Cada um pegava uma cana torta rapava para tirar a sujeira e na hora que derramava o mel na camela nós já colocávamos a cana e rolava no mel, tirava e ficava rolando a cana na mão para o mel não cair até esfriar para depois retirar da cana e ficar puxando com a mão até ele moer, ou seja, ficar no ponto.

Tudo isso, para nós, era como uma brincadeira. Por isso, em vários momentos, na escrita deste trabalho, vejo coincidência com alguns trechos do livro “Terra dá a Terra quer” do Negro Bispo, que traz lembranças como estas, como por exemplo, no trecho que em ele fala sobre as brincadeiras das crianças da roça: “Quando a gente brinca de fazer a roça, a gente cresce aprendendo a fazer a roça, a gente brinca de fazer a roça até fazer a roça de verdade”. Santos (2023, p.11), e mais adiante:

Quando éramos crianças, armávamos arapucas para pegar codornizes. A codorniz caía na arapuca, mas quando chegávamos perto, ela desmaiava. Ela fingia de morta debaixo da arapuca. “Como foi que ela morreu? Será que foi cobra?”, pensávamos. (Santos (2023, p.13).

Essas falas do autor me fazem rememorar a minha infância com meus irmãos nas matas, onde vivenciávamos essas experiências na prática. Sinto muita saudade do engenho e de ouvir o barulho da moagem, da pisada dos bois, do meu vô e meu pai falando: “vai!”. Era assim que eles falavam quando estavam moendo sozinho ou quando não tinha alguém para tocar os bois.

Saudade de pegar garapa para beber na hora que estavam moendo! Saudade do cheiro de cana azeda, de ver os cochos com garapa fervendo e azeda; saudade do fogo da fonalha do alambique, da caixa cheia de água quente com as siripintinas, ou seja, os canos que ficam dentro da caixa cheia de água que fazem a pinga escorrer lentamente dentro do tambor, com seus mistérios, de resenhas com minha família e amigos, dos carnes assada no espeto na fonalha do alambique, do molho de garapa azeda, de beber sertaneja no momento das resenhas na cuia que é do meu vô em fim o engenho é parte da minha história de vida e ele sempre fez parte do meu percurso.

Ter o engenho como parte da minha vida e parte do meu percurso escolar me traz muitas lembranças minha e dos meus dois irmãos todos os dias passávamos no engenho tinha ano que era pela manhã, quando passávamos bem cedo meu avô já estava no engenho e assim, era no período a tarde meu avô sempre moinha a sua própria cana para fazer seus produtos.

Mas com o passar do tempo começou a moer na meia, que é quando o dono da cana já traz a cana cortada e deixa no engenho, todo o restante do trabalho era dele como: cortar e carregar lenha no jumento. Nesse tempo já era difícil, porque a lenha já estava ficando longe e fazer para todo o processo, lembrando que antes só pegava a cana na meia para fazer cachaça, de modo que, se desse 40 litros, 20 era do meu pai e 20 era para o dono da cana.

A parte mais difícil era cortar a lenha e carregar. Antes carregava no jumento ou burro. Os pedaços de lenhas eram colocados em cambitos e amarradas, pois cada ano ficava mais difícil porque já não tinha mais lenha e as pessoas não fazem roça de toco, agora é tudo feito no trator, por isso a dificuldade aumentou e eu já cheguei a ir buscar lenha na cidade Luzinópolis no caminhão com meu pai e minha mãe.

Meu pai passava a semana fabricando cachaça, para vender no fim de semana, especificadamente no domingo, nos povoados ao redor e seu meio de transporte era uma bicicleta, na qual colocava um bujão de 20 litros, amarrado com uma liga de câmara de ar, então ele arrumava o dinheiro e já comprava as coisas para casa.

Meus irmãos também vendiam, só que já o seu transporte era uma moto. Eu também passei um período em que vendia, em ambos os casos os irmãos só iam fazer as entregas e receber o dinheiro. Minha mãe só vendia rapadura e tijolo e mel que, na maioria das vezes, era por encomenda, e quando tinha muitas encomendas, ela colocava em um carrinho de mão e vendia no povoado mesmo.

No dia de fazer tijolo e rapadura meu avô e meu pai começavam ainda de madrugada, pois, segundo eles, quando o sol está muito quente demora mais para engrossar o mel, ou seja, para dá o ponto.

Escrever sobre esse tema foi fácil e ao mesmo tempo difícil. Fácil porque eu já convivo no engenho até hoje; difícil porque o tempo é responsável pela memória por isso correr contra ele para buscar informações com as pessoas mais velhas meu tio José Ramos dos Santos, Francisco José de Macedo, Sebastião Pereira da Silva,

Joaquim José de Macedo e meu pai Raimundo José Macedo Neto, pois só elas têm o conhecimento do primeiro ao terceiro engenho e do povoado. E, quando eles começavam a falar, a gente sente a emoção na sua voz, pois a memória que estava quieta e guardada durante anos foi ativada, eles reviveram o seu passado ao contar esta história que hoje deixo registrada para que não morra e desperte outros estudos sobre os diversos vieses aqui anunciados.

O engenho é motivo de orgulho para mim por ser um patrimônio cheio de lembranças lindas. Aquele pote onde cai a pinga cercado de esteira feita de olho de palha de coco babaçu para que o vento não atrapalhasse a pinga cair no pote! Uma cuia pequena de cabaça para se beber pinga!

O engenho sempre fez parte da minha vida, e, também, era trajetória de todos os dias, era o único caminho que levava e leva a todos os destinos como, por exemplo, para o povoado onde ficava a escola etc. Sempre que passava meu avô estava fazendo o trabalho que ele mais gostava, que era moer cana e estilar para fazer a pinga. Pedíamos a sua benção e seguíamos viagem carregados de saberes em busca de outros mundos, outros conhecimentos, outras vivências.

6. REFERÊNCIAS.

BARROS, José D'Assunção. **História e Memória: Uma relação na confluência entre tempo e espaço.** MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Ed. da Universidade de São. Paulo, 1992.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e Imagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo, Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CECATTO, Adriano; FERNANDES, Márcio Regis. **História e Imagem: Linguagem e Cultura visuais.** VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí -UFPI - Teresina-PI. 2012.

CEMED, Centro de Memória da Educação. *O Curso de Pedagogia do CEHS de Tocantinópolis e sua contribuição para a Educação na Região Tocantina: Histórias, Imagens e Memórias.* Projeto. CEHS/UFNT, 2022.

GROSSI, Yonne de Souza & FERREIRA, Amauri Carlos. **Razão narrativa: significado e memória.** HISTÓRIA ORAL, 4, 2001, p. 25-38

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Engenho Manual que Faz Caldo de Cana, 1822.* Aquarela sobre papel (17,60 cm x 24,50 cm). Museu Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ). Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/110692-engenho-manual-que-faz-caldo-de-cana>. Acessado em Setembro de 2025.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **A Civilização do Açúcar - Séculos XVI e XVIII.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2013

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Aurélio: Dicionário escolar de língua portuguesa.** Curitiba, PR: Maralto Edições, 2ª ed. 2011.

KLEIN, Cristina. **Dicionário de Língua Portuguesa.** São Paulo. Rideel, 2015.

LAROUSSE Cultural **Dicionário da Língua Portuguesa** Larousse Cultural, São Paulo: Universo/Moderna, 2012.

LE GOFF, J. **Memória e História**. Enciclopédia Einaudi: volume. Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**, 7^a.ed. Tradução Bernardo Leitão, et al. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5^a ed. São Paulo: Unicamp, 2003.
LEITE, Maria Isabel. **Crianças, velhos e museu: memória e descoberta**. Caderno Cedes. Vol. 26, n. 68, p. 7485, São Paulo: Unicamp, 2006.

LOPES, Francisca Rodrigues; SILVA, Thatielle Alves. **CENTRO DA MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO: A Iconografia como forma de ensinar e de aprender**. Rev. Diálogo Educacional, Curitiba, v. 19, n. 61, abr./jun. 2021.

LOPES, Francisca Rodrigues. **A Memória dos Métodos de Ensinar: Instrumentos e Práticas que marcaram a Infância de 1950 a 1990**. Relatório de Estágio Pós-Doutoral. Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/UFOPA) - Associação Plena em Rede (Educanorte). 2025.

MACHADO, Fulvio de Barros Pinheiro. **Brasil, a doce terra**. Resumo intitulado de: **A História da Cana-de-açúcar: Da Antiguidade aos Dias Atuais**. Publicado em: <https://www.udop.com.br/noticia/2003/01/01/a-historia-da-cana-de-acucar-da-antiguidade-aos-dias-atuais.html>. Acessado em março de 2025.

MICHAELIS, **Dicionário de Português Brasileiro**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%A9todo/>. Acesso em janeiro de 2025.

MORAES, Allana Pessanha de. **Educação patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural**. Disponível em: http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allanapmoraes_educ_patrimonial.pdf. Id=1111. Acesso em: Julho de 2025.

MOTA, Dayane Paula Ferreira; CAVALCANTE, Lídia Eugênia; FEITOSA, Luiz Tadeu. **Informação, Memória e Patrimônio Cultural**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 298-312, maio./ago., 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8223/3/2015_art_dpfmota.pdf

NORA, Pierry. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História 10 (1993). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/>.

OJEDA, Janine. Homem e realidade: o processo embrionário da criação dos museus. Disponível em: http://www.revitamuseu.com.com.br/artigos/art_.asp?Id=1111. Acesso em: Julho de 2025.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Museu, educação de cultura: Encontros de crianças e professores com a arte**. 2^a ed., São Paulo: Papyrus, 2006.

PERES, Sonia Maria Zanezi. **Maurice Halbwachs e a Memória Coletiva e Individual.** Revista Missioneira | Santo Ângelo | v. 23 | n. 2 | p. 71-78 | jul./dez. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percurso em história cultural.** Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos; ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **A trajetória da cana-de-açúcar no Brasil** [recurso eletrônico]: perspectivas geográfica, histórica e ambiental. Uberlândia: EDUFU, 2020. 272p.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, Memória social e Identidade:** uma abordagem antropológica. 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Regivânia, Macedo dos,; LOPES, Francisca Rodrigues. **A Memória do Lugar em Imagens que contam Histórias e Educam.** Anais do V Colóquio Internacional da Afirse e XI Colóquio Nacional da Afirse Secção Brasileira. Palmas, TO: UFT; AFIRSE; NEPED, 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Imagem: cognição, semiótica e mídia.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

SILVA, Junior Josemar Elias da; TAVARES, Oliveira Ana Lúcia. Patrimônio Cultural, Identidade e Memória Social. **Ciência da Informação em Revista**, v. 5, n. 1, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36200>. Acesso em Julho de 2025.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, André Luis Ramos. **Educação patrimonial:** teoria e prática. Rio Grande do Sul: UFSM, 2007.

STANGER, Monica Zanellato. **Memória, Patrimônio e História: Uma Abordagem Prática.** Disponível: <https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso Março de 2025.

TEIXEIRA, Paulo Sérgio. **Primeiros Engenhos do Brasil Colonial e o Engenho São Jorge dos Erasmos:** Preliminares de uma Doce Energia. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20161018205428/http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=164>. Acessado em julho de 2025.

VIEIRA, Letícia Aparecida Maciel. **Memória e Patrimônio Cultural.** Monografia de Graduação do Instituto Federal Minas Gerais - Campus de Ouro Preto, 2017.

SITES CONSULTADOS

A história do Engenho Central e do Museu da Cana. Disponível em: museudacana.org.br/documentos-de-referencia/a-historia-do-engenho-central-e-do-museu-da-cana/

União Nacional de Bioenergia (Udop). Disponível em: <https://www.udop.com.br/noticia/2003/01/01/a-historia-da-cana-de-acucar-da-antiguidade-aos-dias-atuais.html>. Fonte: Guia turístico de Salvador. <https://bahia.ws/engenho-de-acucar-no-brasil-colonia/>

A origem da cana-de-açúcar e sua chegada ao Brasil. Redação Mais Agro. Publicado em 23/10/2024. Disponível em: <https://maisagro.syngenta.com.br/tudo-sobre-agro/historia-da-cana-de-acucar-no-brasil-da-chegada-a-lideranca-mundial/>

A origem da cana-de-açúcar e sua chegada ao Brasil. Redação Mais Agro. Publicado em 23/10/2024. Disponível em: Fonte <https://maisagro.syngenta.com.br/tudo-sobre-agro/historia-da-cana-de-acucar-no-brasil-da-chegada-a-lideranca-mundial/>

Engenho de açúcar no Brasil Colônia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenho_de_a%C3%A7%C3%BAcar_no_Brasil_colonial. Acessado em junho de 2025.

<https://drlauroneurologia.com.br/o-que-e-memoria/>

<https://docs.google.com/document/d/1WOlp9UnOMikKvXdSr5Ov5SzbIT7xI9Wta19KVovWVB00/edit?tab=t.0>

<https://deposite.com.br/blog/importancia-de-guardar-suas-memorias/#:~:text=Preservar%20objetos%20e%20itens%20antigos,vida%20para%20as%20pr%C3%B3ximas%20gera>

<https://web.archive.org/web/20161018205428/http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=164>

APENDICE: IMAGENS DO ENGENHO DE SANTA HELENA

1. As várias formas de trabalho – algumas imagens



2 – Produção – Alguns Produtos

